**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**

**PROGRMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU**
**ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**ROGERIO LIBERATO DA SILVA**

# "Assim na Terra como no Céu". O impacto da Revolução Neolítica na construção do mito de um Universo ordeiro e integrado no antigo Oriente Próximo.

**Rio de Janeiro**

**2008**

**ROGERIO LIBERATO DA SILVA**

# “Assim na Terra como no Céu”. O impacto da Revolução Neolítica na construção do mito de um Universo ordeiro e integrado no antigo Oriente Próximo.

Monografia apresentada à Universidade Estácio de Sá, Campos Pça XI, como requisito para obtenção do grau de Pós-graduação *Lato-sensu*/Especialização em Ciências da Religião.
Orientador: Ms. Rodrigo Portella.

**Rio de Janeiro**

**2008**

# DEDICATÓRIA

*Àqueles que tornaram esse trabalho possível:*

*Bebel, Rafael, Amanda, Lívia,*

*Valmir, Teresinha, Elizabeth, Lucas*

*Júnior, Vladimir*

*Andrea Fonseca, Andrea Silva,*

*Luciano, Marcelo e Zilda*

# EPÍGRAFE

A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade e que se distingam as particularidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda que o reconhecimento das diferenças não fundamente relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade.

**(Ministério da Educação)**

# RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é uma investigação histórica do contexto no qual surgiram as primeiras unidades estatais próximo-orientais, autoconsideradas territórios santos, juntamente com sua estrutura mítica e ideológica. E tem como meta principal a tentativa de localizar, no tempo e no espaço, a construção de uma ideia que permeia o imaginário do homem há séculos, que é a conhecida ideia de um mundo em ordem e articulado em suas esferas celeste e terrena, donde o homem, na terra, deve pautar seu comportamento, em conformidade com princípios de ordem celeste. As formas de aproximação desse período antigo na história humana dar-se-ão principalmente por intermédio de três fontes: arqueologia, textos antigos e da antropologia. A principal conclusão é que essa ideia é um mito, e foi construída pelo homem como forma de situar-se no cosmos e organizar-se emocional e psiquicamente.

Palavras-chaves: Mito; Antigo Oriente Próximo e Religiosidade

# ABSTRACT

The object of study of this research is a historical research the context in which emerged the first units coming-eastern state, autoconsideradas territories saints, along with its mythic structure and ideological. Its primary goal in the attempt to locate time and space, construction of an idea that permeates the imagination of man for centuries, which is known idea of a world in order and articulated in their earthly and celestial spheres, where the man , In the land, should guide their behavior in accordance with principles of celestial order. The ways of bringing this ancient period in human history will take mainly through three sources: archaeology, anthropology and ancient texts. The main conclusion is that this idea is a myth and was built by man as a way to place itself in the cosmos and organize themselves emotionally and mentally.

Keywords: Myth; Ancient Near East and Religiosity

# SUMÁRIO

Introdução .....1
Capítulo 1. As Revoluções Neolítica e Urbana .....4
Capítulo 2. Teorizando a transição .....10
Capítulo 3. A Estruturação da ideia de um universo em ordem .....14
Capítulo 4. A ideia articulada .....31
Capítulo 5. A ideia como .....37
Considerações Finais.....44
Bibliografia .....46

# INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo uma investigação histórica do contexto no qual surgiram as primeiras unidades estatais próximo-orientais, autoconsideradas territórios santos, juntamente com sua estrutura mítica e ideológica, beneficiando-nos prioritariamente dos exemplos da Mesopotâmia e do Egito, por serem os locais melhor documentados como a matriz do chamado "processo civilizatório" (em cidades, Estado, escrita etc.).

A pesquisa tem como meta principal a tentativa de localizar, no tempo e no espaço, a construção de uma ideia que permeia o imaginário do homem há séculos, influenciando-o até o presente momento, que é a ideia de um mundo em ordem e articulado em suas esferas celeste e terrena, donde o homem, na terra, deve pautar seu comportamento em conformidade com princípios de ordem celeste. Uma expressão dessa idéia, e que é o título da monografia, está contida na oração do *Pai Nosso* de Jesus, quando deseja que a vontade do Pai seja feita "assim na terra como no céu"

As formas de aproximação desse período antigo na história humana dar-se-ão principalmente por intermédio de três fontes: arqueologia, textos e antropologia. Da arqueologia, valho-me de trabalhos de autores consagrados, como G. Child e outros, que analisaram as estruturas e os significados de monumentos como palácios, templos, estátuas, túmulos etc. Já em relação aos textos, baseamo-nos em materiais que se encontram transcritos em diversas obras de autores que muito contribuíram no campo da religião ou da mitologia, como Ciro Flamarion Cardoso, Mircea Eliade, Joseph Campbell, Lourdes Bacha, Bárbara Sproull, Frazer, dentre outros.

A preferência sempre incidirá sobre textos que possam refletir visões e representações de mundo nos primórdios do "processo civilizatório", como cosmogonias, hinos, preces etc. Eventualmente, recorrerei a textos de/sobre outras sociedades, para efeito de comparação, desde que sejam antigas, ou reflitam nos textos uma mentalidade que nos levem à era neolítica ou à antiguidade do Oriente Próximo. Daí a importância adicional da Antropologia que, mediante seus estudos das sociedades arcaicas ou tradicionais, *podem* lançar luzes sobre a pré-história.

De acordo com o antropólogo Léo Frobenius, em linhas gerais, tribos caçadoras e coletoras nos esclarecem sobre o passado paleolítico (antes de 10.000 a. C.). Já tribos de agricultores e pastores remetem-nos ao neolítico (após a descoberta da agricultura). Os

dois tipos de tribos diferem quanto a papéis masculinos e femininos, posturas diante da morte e religiosidade individual ou coletiva. Aproximamo-nos desses povos "tradicionais" em seus termos, dando-lhes voz com seus mitos, com a compreensão de que esses mitos são *um componente da condição humana.* Isto não implica, contudo, uma "ingênua romantização dos agentes", como sublinhou Burity, como se o saber que possuem sobre si mesmo e sua experiência lhes conferisse um privilégio epistemológico. Antes, diz respeito a uma "certa injunção ética-política a respeitar a singularidade do outro, para melhor fazer sentido de suas ações, inclusive para criticá-las".[1]

Outra questão importante a ser ressaltada é concernente à datação dos textos, que em alguns casos os autores não fornecem. A data dos textos é importante para se perceber seu enraizamento sociológico (relação literatura e sociedade), situação na qual se é possível acompanhar a evolução ou transformação das ideias ao longo do tempo. Essa precaução é importante, pois, às vezes ocorre que um texto é de data recente, mas está reproduzindo ideias e/ou eventos bastante antigos, como é o caso, por exemplo, da *Epopéia de Guilgamech, dos Textos das Pirâmides* ou da *Tanak* (Antigo Testamento), que remetem à antiguidade da Suméria, do Egito e de Israel, respectivamente.

A pesquisa tem como pano de fundo três grandes hipóteses, que estão distribuídas ao longo do texto. A primeira hipótese é a de que a ideia de um universo organicamente integrado em suas esferas celestes e terrena, foi sendo construída pelo homem no período entre as revoluções neolítica e urbana nos últimos milênios da pré-história (capítulos I e II). As transformações advindas com a revolução neolítica sugeriram ao homem que existia no Universo uma ordem ou propósito na natureza (Capítulo III).

A segunda hipótese defende que a ideia de ordem no Universo foi, posteriormente, assimilada e incorporada por diversos sistemas de pensamento, como astrologia, sistemas teístas e sócio-políticos. Ou seja, sendo não um *reflexo* da vida material, mas *parte integrante*, ela "retornou" na história do homem, influindo em suas práticas de vida (Capítulo IV). A terceira hipótese, por fim, sustenta que essa ideia de ordem foi uma forma de o homem situar-se no Universo, a fim de sentir-se emocional e psiquicamente seguro. Dessa forma, a ideia de Ordem é um mito: uma "verdade" (inconsciente e subjetiva), que cada homem utilizou (ou utiliza) para orientar-se ou dar sentido à sua vida. No Capítulo V, entra-se na discussão sobre como vejo o tema do mito.

---

[1] BURITY, Joanildo. *Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista*, p. 63.

Há ao menos dois aspectos que consideramos cabíveis para uma discussão sobre a importância dessa pesquisa: sua relevância acadêmico-científica e social.

Como esta é uma pesquisa que se pretende transitar por diversos campos históricos (mentalidades, cultura e imaginário), em diálogo com outras áreas das ciências humanas (antropologia e psicanálise, psico-história), acredito estar contribuindo para enriquecer o conhecimento histórico, justamente num período da história pouco pesquisado em nossas academias, a Antiguidade Oriental, uma vez que diversos mestrados e doutorados têm tido início na Antiguidade Clássica, onde até mesmo a temática do mito tem sido estudada a partir dos gregos e em contraponto com o pensamento filosófico.

Além disso, pensar a religião continua sendo um desafio ao conhecimento acadêmico. Esta lacuna começou a ser preenchida nos últimos anos no Brasil, mediante cursos específicos em algumas Universidades, em cursos de Ciências da Religião. Particularmente, pressuponho que esta *Especialização em Ciências da Religião* – que não deixa de pôr em prática uma orientação de 1963 do historiador Sérgio Buarque de Holanda, o qual disse que "o estudo da história de nossas religiões era imprescindível para o entendimento da multifacetada tessitura de nossa história, em que as tolerâncias e intolerâncias entrecruzam-se e amalgamam-se no sincretismo cultural, político e religioso que tanto nos caracteriza" – certamente já me forneceu alguns elementos teóricos para se dar início a uma investigação mais apurada da religião ou da religiosidade.[2]

Assim, no Brasil, a religião continua muito presente, inclusive recolocando a questão da "secularização".[3] Em total contramão à tradicional "separação entre Religião e Estado", ela vem inserindo-se nos negócios públicos cada vez mais, como na questão do aborto, das células-tronco, da educação religiosa, do respeito às tradições culturais afro-brasileiras etc. Esperamos, por conseguinte – e modestamente - oferecer uma das repostas em direção a uma melhor sociedade.

---

[2] MANOEL, Ivan. "Apresentação", p. 11. .In: MANOEL & FREITAS (orgs). *História das Religiões. Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos.* (Coleção estudos da ABHR). Sobre sincretismo, Cf. também HERMAN, Jaqueline. *História das Religiões e Religiosidades*.

[3] BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*; Rodrigo PORTELLA. *Em Busca do Dossel Sagrado*., p. 77-96.

# CAPÍTULO I
# AS REVOLUÇÕES NEOLÍTICA E URBANA

Há cerca de 10.000 anos, a pré-história foi revolucionada pela descoberta da agricultura. Esta foi a primeira revolução que transformou a economia humana, dando ao homem o controle sobre o abastecimento de sua alimentação. O homem começou a plantar, cultivar e aperfeiçoar, pela seleção, as ervas, raízes e árvores comestíveis. E conseguiu domesticar e colocar sob sua dependência certas espécies de animais, em troca de alimento, da proteção e da previsão que podia oferecer. Os dois passos estão intimamente ligados. Pois, se o caçador for também agricultor, terá algo a oferecer aos animais famintos. Uma vez enceleirados os grãos, o agricultor pode tolerar que carneiros ou bois selvagens, semimortos de fome, invadam seus campos. Com isso, o homem pode estudar seus os hábitos, expulsar os leões que os atacariam, e, talvez, mesmo oferecer-lhes algum cereal excedente de seus celeiros.

Os animais, por sua vez, se domesticarão, habituando-se à proximidade do homem. Se compreender as vantagens de ter um grupo desses animais meio domesticados nas cercanias do aldeamento como uma reserva de caça, facilmente capturáveis, estará já no caminho de domesticá-los, apropriando-se lentamente não só de sua carne, como leite. Ou seja, a criação de animais deu ao homem o controle de seu abastecimento de alimento, da mesma forma que o cultivo da terra.

Como se encontraram foices, em cavernas da Palestina, juntamente com ferramentas adequadas antes a uma economia de coleta do que à cultura normalmente associada à essa primeira revolução, acredita-se que o cultivo de cereais teve início na Palestina, ou em suas proximidades. Seus “moradores” são conhecidos como natufianos. O arqueólogo Gordon Child argumentava que não é impossível que os moradores dessas cavernas fossem uma tribo atrasada, que tivesse adotado alguns elementos da cultura de agricultores mais progressistas, de outros lugares, sem terem, contudo, reorganizado totalmente sua economia.[4]

A arqueologia, por sua vez, parece ter estabelecido que a população na verdade se expandiu bastante rapidamente. Somente assim podemos explicar a evidente rapidez com que as comunidades camponesas surgiram em regiões antes desertas ou ocupadas apenas

---

[4] CHIILD. *Op. cit*., p. 77-79.

por grupos muito esparsos de coletores. Como consequência a espécie humana realmente começou a multiplicar-se rapidamente.

Por outro lado, o local exato de origem dessa revolução é assaz controvertido. O "verdadeiro ponto crucial do problema arqueológico" da origem das técnicas dos cultivadores de alimento, conforme argumentou Campbell, entretanto, está na questão ainda não respondida: se tais vestígios do Oriente Próximo representam de fato os primeiros passos em direção à agricultura e criação de gado em qualquer parte do mundo, ou se não poderiam, antes, representar meramente uma região de aculturação periférica, a adoção superficial por caçadores nômades de ideias e elementos derivados de alguma outra parte. Argumenta ainda que, de acordo com "uma visão que tem se fortalecido nas últimas décadas", o último ponto de vista é o mais provável.

Os primeiros cultivadores deveriam ser buscados, segundo essa conjectura, naquela ampla zona equatorial onde o mundo vegetal forneceu não apenas alimento, vestuário e abrigo ao homem desde tempos imemoriais, mas também seu modelo do mistério da vida – em seu ciclo de crescimento e declínio, florescimento e proliferação, em que a morte e a vida aparecem como transformações de uma única força, cósmica e indestrutível.[5]

E, baseando-se em estudiosos como o antropólogo Léo Frobenius, e os arqueólogos A. Meilet, Marcel Cohen e G. Child, acrescenta que, hoje (fins da década de 1950), encontramos em toda essa imensa região um estilo de vida de aldeia, bem desenvolvido e baseado numa economia hortícula de inhame, coco, banana, taro etc., bem como numa série de características culturais, incluindo choupanas empenadas retangulamente, tambores feitos de cepos lascados e uma certa maneira de comunicar-se por batidas de tambor, uma plêiade de diferentes instrumentos musicais, sociedades secretas de um tipo determinado, tatuagem, um tipo de arco e flecha emplumada, formas de sepultamento e culto do crânio, adoração de pássaros, cobras e crocodilos, espíritos choupanas e espíritos-postes, métodos específicos de fazer fogo, e uma forma de confeccionar roupa com fibra de palmeira e casca de árvore.

Acrescente-se uma elaborada tradição ritualística que culmina em ritos coletivos de sacrifício humano e animal, uma mitologia da jornada para o reino dos mortos que, em muitos aspectos, se assemelha à da guardiã do labirinto dos malekulas, uma surpreendente

---

[5] CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus. Mitologia Primitiva,* p. 118.

coleção de motivos folclóricos e a difusão de um único complexo linguístico (o malaio-polinésio) de Madagascar até a Ilha de Páscoa, e teremos uma base considerável a partir da qual argumentar em favor de uma esfera comum.

Por outro lado, quando se observa que foi justamente fora do raio oriental dessa esfera que um sistema altamente desenvolvido de agricultura surgiu no Peru e Mesoamérica, baseado amplamente no milho, mas incluindo também cerca de cinquenta outros grãos e associado com a criação de lhamas e alpacas (no Peru) e perus (no México), enquanto no meio do caminho da mesma vasta região (as vizinhas Indochina e Indonésia) a cultura do arroz, da soja, o búfalo da Índia e as aves domésticas surgem pela primeira vez, não é surpreendente que muitos estudiosos tenham desenvolvido o conceito de "um único domínio cultural", do qual, ou associado a eles, três grandes matrizes de agricultura de cereais se desenvolveram: Sudeste Asiático (arroz), Oriente Próximo (trigo e cevada), e Peru e Mesoamérica (milho).

Dessa forma, os arqueólogos, vasculhando o Oriente Próximo estágio por estágio, tendem a acreditar que estão sondando ali o "limite último do problema das origens neolíticas" – pelo menos, do hemisfério afro-eurasiano. Em sua visão, o complexo do Sudeste Asiático representaria, então, a adaptação local de um sistema de técnicas levado até ali por difusão.[6]

É importante destacar uma observação de Child, de que a "revolução neolítica" não foi uma catástrofe, mas um processo. Suas várias fases foram, sem dúvida, modificando as instituições sociais e as idéias mágico-religiosas dos coletores e dos caçadores. Em outros termos, "as atividades cooperativas exigidas pela vida 'neolítica' encontraram expressão exterior", argumenta Child, "nas instituições sociais e políticas. Tais instituições se consolidaram, indubitavelmente, e foram reforçadas por sanções mágico-religiosas, por um sistema mais ou menos coerente de crenças e superstições, pelo que os marxistas chamariam de uma ideologia.

Por sua vez, as novas forças controladas pelo homem, em consequência da revolução neolítica e do conhecimento obtido e aplicado no exercício de novos ofícios, devem ter reagido sobre as perspectivas do homem. Por sua vez, devem ter modificado suas instituições e sua religião".[7]

---

[6] Ibid, p. 118-19.
[7] CHILD, *op. cit*, p. 104

Posteriormente, uma segunda revolução transformou pequenas aldeias de agricultores autossuficientes em cidades populosas, alimentadas pelas indústrias secundárias e comércio exterior, e regularmente organizadas como Estados. Entre 6.000 e 3.000 a. C., o homem aprendeu a usar a força do boi e dos ventos, inventou o arado, o carro de rodas, o barco a vela, descobriu os processos químicos da fundição dos minérios de cobre e as propriedades físicas dos metais, e começou a desenvolver um calendário solar aperfeiçoado. Equiparou-se, com isso, para a vida urbana, e preparou o caminho para a civilização que exigirá a escrita, processos de contagem e padrões de mensuração – instrumentos de uma nova forma de transmitir o conhecimento e das ciências exatas.

Ainda de acordo com Child, a revolução neolítica deixou toda a área do Nilo e Mediterrâneo oriental, atravessando a Síria e o Iraque, até o planalto iraniano e o vale do Indo, mais além – povoada de comunidades neolíticas.[8]

Por volta de 4000 a. C., a grande faixa de terra semiárida em torno do Mediterrâneo oriental e mais a leste, até a Índia, era povoada por uma multiplicidade de comunidades. Essas comunidades diversas haviam aumentado o capital cultural humano pelas descobertas e invenções já indicadas. Haviam acumulado um volume considerável de conhecimento científico – topográfico, geológico, astronômico, químico, zoológico e botânico – nas atividades práticas da agricultura, mecânica, metalurgia e arquitetura, e de certas crenças mágicas que poderiam também encerrar verdades científicas.

Em consequências do comércio e dos movimentos de povos, tal ciência, técnicas e convicções estavam sendo amplamente difundidas, o conhecimento e a prática eram transmitidos entre os povos. E, ao mesmo tempo em que a rigidez das instituições dos grupos diminuía, as comunidades autossuficientes sacrificavam sua independência econômica. Esse último aspecto evoluiu mais depressa nas depressões ribeirinhas do vale do Nilo, nas planícies aluviais entre o Tigre e o Eufrates (na Mesopotâmia), e nos vales adjacentes do Indo e seus tributários, em Sinda e no Panjabe. Ali, a abundância de água e o solo fértil, anualmente renovado pelas cheias, garantiam um abastecimento certo e farto de alimentos, e permitia a expansão da população.[9]

Assim, em cerca de 3.000 a. C., o quadro do Egito, Mesopotâmia e do vale do Indo já não focaliza a atenção nas comunidades de agricultura simples, mas em Estados que abarcam várias profissões e classes. O primeiro plano é ocupado pelos sacerdotes,

---

[8] Ibid, p. 112.
[9] Ibid, p. 142.

príncipes, escribas e autoridades, e um exército de artesãos especializados, soldados profissionais e trabalhadores diversos, todos afastados da tarefa primária de produzir alimento.

Evidentemente, *a modificação do material arqueológico reflete uma transformação na economia e na mentalidade que reproduzia o material*. Sacerdotes, funcionários, mercadores, artesãos e soldados deveriam representar novas classes que, como tais, não poderiam sobreviver numa comunidade autossuficiente, produtora de alimentos, e ainda menos num grupo de caçadores. As novas cidades são mais espaçosas e podem acomodar uma população muito mais densa do que as aldeias agrícolas que nelas foram absorvidas, ou que ainda subsistem, a seu lado.

A Baixa Mesopotâmia aparece plenamente urbanizada no período de Jemdet Nasr (3100-2900 a. C.). E no período "depois do dilúvio" – ou período dinástico primitivo, ou pré-sargônico (2900-2334 a. C.) -, de norte a sul, quatorze aglomerações urbanas podem então ser apontadas: Sippar, Kish, Akshar, Larak, Nippur, Adab, Shurupak, Umma, Lagash, Badtibira, Uruk, Larsa, Ur e Eridu.

O Egito, por outro lado, possuía uma população importante que estava concentrando-se em aglomerações fortificadas, em uma região que contava com um templo prestigioso e com boas condições para a irrigação baseada nos tanques ou bacias naturais do Nilo – e em uma época em que a região saariana se estava desertificando aceleradamente, na segunda metade do IV milênio a. C., como fica evidente pela diferença entre tumbas ricas e pobres, o que atesta intensas relações de poder muito bem antes da unificação do reino.[10]

Dessa maneira, os cemitérios urbanos atestam não só um aumento de riqueza, mas também a multiplicação de pessoas. A modificação da produção auto-suficiente de alimentos para uma economia baseada também na manufatura especializada e no comércio externo promoveu, dessa forma, uma acentuada expansão da população. Na definição de Child, teve tal efeito sobre as estatísticas vitais que ganhou o título de "revolução".[11]

Os mágicos e feiticeiros que se supõem tenham existido em aldeias neolíticas, surgiram como uma corporação de sacerdotes santificados com a autoridade divina e emancipados dos trabalhos nos campos e pastos. Interpretavam eles a vontade divina para

---

[10] CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete olhares sobre a antiguidade*, p. 63-73.
[11] CHILD, *op. cit*, p. 145.

as massas trabalhadoras, ou, em outras palavras, transformavam as cerimônias mágicas, pelas quais a sociedade pretendia forçar os elementos naturais, em ritos mais complicados para a conciliação do poder que então personificava tais forças. E, nesse processo de invenção, estão revelados os planos dos templos, tal como os reis históricos relatam que o plano de um templo lhes havia sido revelado num sonho.

# CAPÍTULO II
# TEORIZANDO A TRANSIÇÃO

A forma de se ver o Oriente Próximo variou nos últimos séculos. Do séc. XVI ao XVIII, os escritores europeus que, por alguma razão se referiam ao Oriente – à Ásia -, faziam-no no contexto do pensamento acerca do social como existia em sua época, isto é, manifestando interesse prioritário, ou mesmo exclusivo, pelos aspectos políticos. Ainda no século XVII, o Oriente era visto quase como uma única totalidade homogênea.

Foi somente no século XIX que as sociedades asiáticas passaram a ser encaradas em sua heterogeneidade e multiplicidade, e vistas como objeto de estudo em si mesmas. No século XVI, a Europa vivia a emergência das nações-Estados modernas, das monarquias absolutistas. Questões como a necessidade de exércitos e burocracias permanentes, de sistemas nacionalmente integrados de finanças, impostos e leis, estavam na ordem do dia. Pensadores se debruçavam sobre tais problemáticas, tentando entendê-las e dar-lhes respostas positivas e pragmáticas, alguns dos quais foram pioneiros na apresentação do Estado oriental como antítese da monarquia europeia. Assim pensavam Maquiavel, Bacon, Bodin e, no século XVII, Hobbes.

Nos séculos XVII e XIX, viajantes (comerciantes e embaixadores) que haviam conhecido a Pérsia e a Índia especularam sobre as origens e bases do “poder despótico”. Um comerciante e viajante conhecido como Bernier, acreditava que a propriedade era a base do poder despótico e foi seguido depois por Adam Smith e Marx.

No século XVIII, a China fez sua aparição no universo intelectual europeu, alimentando a oposição entre “sinófilos” (Montesquieu) e “sinófobos” (Voltaire). Adam Smith afirmou que na Índia e na China a agricultura, e não a manufatura, era altamente considerada. O Estado, proprietário de todo o solo, interessava-se mais em promover a agricultura, manter os caminhos e os canais de irrigação.

Já para Hegel, a Europa conhecera um progressivo desenrolar da autoconsciência, enquanto no Oriente se dera o desenvolvimento de uma consciência moral externa ao indivíduo, ou seja, abstrata. A imutabilidade das aldeias como base da estagnação da Índia pré-britânica foi salientada por J. S. Mill: nelas se combinavam o artesanato e a agricultura, e, embora o Estado fosse o proprietário das terras, os camponeses detinham seu usufruto mediante o pagamento de rendas fixadas pelo costuma.

Richard Jones caracterizava a “renda em tributo” entre as modalidades possíveis da renda e ligara-a à estagnação oriental, pelo fato de impedir a acumulação individual e preservar o despotismo. Posteriormente, surgiu a polêmica acerca de serem ou não as sociedades aldeãs primitivas caracterizadas pela propriedade coletiva sobre o solo, reconhecendo-se às famílias unicamente um direito de usufruto.

Apesar da não sistematização do conceito em Marx, nas obras e correspondências suas com Engels na década de 1850, Marx chegou à conclusão de que Bernier tivera razão ao ver, na inexistência da propriedade privada da terra na Turquia, na Pérsia e na Índia, a base de todos os fenômenos do Oriente, inclusive a ausência de história de que falara Hegel. Engels sugeria-lhe que a aridez do solo fizera que a irrigação artificial, ou organizada pelas comunidades, ou pelo Estado, fosse condição primordial para que a agricultura pudesse ser praticada. Marx passou a dar destaque ao papel do governo no que diz respeito às obras públicas de irrigação.

No *Grundisse*, Marx abordou o processo da separação do trabalhador em relação às condições objetivas da produção e reprodução de sua vida: a “forma asiática” de propriedade aparece como uma entre várias modalidades possíveis – justamente a mais resistente à mudança, devido à união entre agricultura e artesanato nas comunidades autárquicas, e devido a que, no interior destas, o indivíduo não pudesse converter-se em proprietário, tendo exclusivamente a posse da terra. Marx imagina uma evolução que, passando do pastoreio nômade, levasse à tribo à sedentarização em determinado território, mantendo sua comunidade de sangue, língua e costumes. Na variedade “asiática” de comunidade, o produtor individual vê na organização tribal – formada “naturalmente” – um suposto natural ou divino do processo de trabalho, não produzido por este. O indivíduo só pode apropriar-se das condições objetivas de sua vida na qualidade de membro da comunidade. Assim, na fundação material do “despotismo oriental”, perfila-se a base real constituída pela propriedade comunal, em que se combinam agricultura e artesanato. Engels, por sua vez, reafirmou a necessidade de organização das obras de irrigação no Oriente como elemento que explica o surgimento dos Estados despóticos.

Depois de Marx e Engels, o conceito sofreu desgastes. Na década de 1950, nos EUA, com Karl Wittfogel, o conceito retorna com força, principalmente com sua teoria da “hipótese causal hidráulica”, isto é, a ideia de que a necessidade de controle sobre os grandes trabalhos exigidos pela manutenção de um sistema complexo de irrigação foi fator central na geração do Estado “despótico”.

Entretanto, tal hipótese é "falsa", comprovada por inúmeras pesquisas arqueológicas e fontes escritas em várias localidades, que demonstraram que o controle dos sistemas de irrigação competia às comunidades locais, e que só muito tardiamente o Estado desenvolveu uma política de grandes obras públicas de tipo hidráulico. Assim, nas décadas de 60 e 70, a discussão sofreu leve deslocamento: de modo de produção "asiático", falou-se em MP "tributário", ou "despótico-tributário", ou "despótico-aldeão". Algumas questões suscitadas foram as seguintes: qual sua organização interna, sua origem, suas contradições, seu desenvolvimento etc.

Essas questões ganharam novas respostas a partir, principalmente, dos trabalhos de italianos como Mário Liverani, Carlo Zaccagnini e Sabatino Moscati, que preconizaram novos enfoques no conceito de modo de produção asiátiço, a partir dos conceitos de "modo de produção doméstico ou aldeão" e "modo de produção palatino". O primeiro um produto da Revolução Neolítica; o segundo, da Revolução Urbana. Ou seja, por volta de 7.000 a.C., já haviam aldeias sedentarizadas espalhadas na Ásia Menor.[12]

O resultado desse processo, (a Revolução Urbana), com o surgimento das primeiras cidades-estado na Mesopotâmia e o centralizado estado no Egito no IV milênio a.C. e em outros lugares, posteriormente – foi que o Estado surgiu sobrepondo-se às antigas aldeias, nos chamados Estados-templários; ou seja, em Estados comandados por monarcas legitimados religiosamente; daí dizia-se que "a realeza desceu do céu", no caso da Mesopotâmia, ou que Deus havia sido o primeiro governante do Egito, sendo o faraó seu sucessor direto e encarnação na terra.

O *Modo de Produção Aldeão* tem entre suas características, em cada aldeia, uma economia de subsistência, a ausência de divisão e especialização do trabalho, união entre agricultura e artesanato, ausência de diferenciação em classes sociais e propriedade comunitária sobre a terra.

Por outro lado, nas novas condições surgidas da revolução urbana, a economia passara a basear-se na concentração, transformação e distribuição dos excedentes extraídos por templos e palácios dos produtores diretos – em sua maioria ainda membros de comunidades aldeãs -, mediante coação fiscal, configurando tributos *in natura* e "corvéias", ou trabalhos forçados por tempo limitado, para atividades civis e militares;

---

[12] CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antiguidade Oriental. Política e Religião*; GLASSNER, Jean-Jacques. *A Mesopotâmia até as invasões aramaicas do II milênio*.

isto manifestava divisão e especialização do trabalho, com o surgimento de especialistas de tempo integral (artesãos, sacerdotes e burocratas dependentes dos templos e palácios), uma diferenciação fortemente hierárquica da sociedade, um sistema já complexo de propriedade que incluía, entre outras, as propriedades dos palácios e dos templos.

As comunidades aldeãs e, em regiões marginais, também as comunidades tribais, tomadas em si mesmas, eram o resíduo de um modo de produção cujas raízes mergulhavam no passado pré-histórico. A articulação entre estruturas palatinas hegemônicas e estruturas aldeãs subordinadas - mas ainda discerníveis e com certo nível de autonomia local – é que constitui o "modo de produção asiático", ou "tributário", conforme existiu no antigo Oriente Próximo e razoavelmente bem documentado nos casos do Egito e Mesopotâmia.

Com isso, percebe-se indicações de que existe uma tensão, um hiato de interesses e mesmo de compreensão entre ambos os níveis, que a ideologia oficial tenta ocultar, difundindo a imagem de uma sociedade homogênea em que todos – do mais pobre camponês ao mais exaltado funcionário – são "servos" do monarca, que por direito divino, é o senhor de suas vidas e o dispensador da abundância.

# CAPÍTULO III
# A ESTRUTURAÇÃO DA IDÉIA DE UM UNIVERSO EM ORDEM[13]

Ressaltando ainda uma hipótese de Child, uma forte evidência arqueológica da revolução neolítica foi o aumento demográfico promovido pela melhoria na produção de alimentos, mormente das populações que viviam junto aos rios (Nilo, Tigre, Eufrates, Indo, etc.). Em suas palavras, como revolução, a adoção de uma economia produtora de alimentos

> Influiu na vida de todos os interessados, refletindo-se na curva populacional... A comunidade dos coletores de alimentos havia sido limitada, no tamanho, pelo abastecimento de alimento existente – pelo número de animais de caça, do peixe, das raízes comestíveis e das frutas que cresciam em seu território... Na prática, as populações caçadoras parecem ajustar-se perfeitamente aos recursos de que dispunham... O cultivo de alimento derruba imediatamente os limites até então impostos. *A priori*, portanto, a probabilidade de que a nova economia tenha sido acompanhada de um aumento da população é bastante alta.[14]

Em meu entender, é razoável considerar que, a vida social centrada nos pequenos agrupamentos, não exigia do homem pré-histórico grandes elaborações e teorias sobre o "funcionamento do Universo" e da vida em geral. Contudo, com as transformações advindas do aumento demográfico e das novas condições e organizações sócio-políticas que lentamente se desenvolviam, essa necessidade surgiu.

Em consequência, uma nova estrutura conceitual foi sendo processada para explicar e dar conta das novas condições de vida nos milênios finais da pré-história e começos do período histórico, tornando o meio ambiente um espaço de ressignificação da própria identidade individual (e coletiva), na medida em que essa ideia de harmonia e interação entre céu e terra possibilita uma reestruturação interna do sujeito e da vida em sociedade.

Nesse sentido, é interessante observar, que, em um dos primeiros registros épicos da região da Mesopotâmia, *A Epopéia de Guilgamech*, talvez tenhamos um vislumbre do impacto dessa revolução demográfica na pré-história, pois, ali, diz-se que o aumento da

---

[13] Essa ideia é compartilhada em alguns trabalhos de Joseph Campbell, como *A imagem mítica*; *As máscaras de Deus. Mitologia Oriental*; *As máscaras de Deus. Mitologia Primitiva*; *O poder do mito*. Bill Moyer (org). *As transformações do mito através dos tempos.*

[14] CHILD, *op. cit*, p. 80.

população, *em um tempo muito distante*, era visto como o fator perturbador dos deuses e, consequentemente, desencadeador do dilúvio sumério, segundo a apresentação do episódio pelo herói Utnapichtim ao rei Guilgamech:

> Revelar-te-ei um mistério, contar-te-ei um segredo dos deuses. Conheces a cidade de Shurupak, que fica às margens do Eufrates? Aquela cidade envelheceu e os deuses que nela habitavam eram velhos. Havia Anu, senhor do firmamento, pai deles, e o guerreiro Enlil, o vigilante, conselheiro deles; Ninurta, o ajudante, e Ennugi, o vigilante dos canais; e com eles estava também Ea. *Naqueles dias o mundo pululava, o povo se multiplicava*, e o mundo bramia como um touro selvagem, e o grande deus foi despertado pelo clamor. Enlil ouviu o clamor e disse aos deuses, em conselho: "a balbúrdia da humanidade é intolerável, e o sono não é mais possível, em virtude da babel". Assim os deuses concordaram em exterminar a humanidade.[15]

Consequentemente, uma complexa operação mental foi sendo construída por esse homem, donde uma nova visão de mundo (ou síntese metafísica) veio à tona, na forma dessa ideia que chamamos de o mito da ordem cósmica universal. A concepção desse mito trouxe implícita uma intrincada rede integralizadora, composta de observações e práticas de vida advindas de elementos também de mundos diferentes, como da astronomia, da vida agrícola, da biologia/sexualidade e dos ciclos da vida em geral.

Aqui, torna-se extremamente difícil explicar as relações de causa e efeito entre esses diversos aspectos, inviabilizando, assim, a tentativa de dizer o que veio primeiro ou qual aspecto foi mais preponderante em relação ao outro. Isso significa dizer que, esses diversos elementos influíram-se mutuamente na estruturação da ideia de um universo em ordem e em perfeito funcionamento.

Por exemplo, daquilo que poderíamos designar como astronomia, que inclui observações do homem pré-histórico da abóbada celeste, do sol, da lua, dos planetas, das estrelas, e no movimento desses corpos celestes, surgiram as diversas teorizações, como astrologia, noções de espaço e tempo (primeiramente cíclico e depois linear) que, por sua vez, vão influir na formação dos primeiros calendários (solar e lunar, astronômico e civil) e dos sistemas numéricos decimal e sexagenal. Tal ideia foi sendo construída no dia-a-dia., ao longo de muitos séculos ou milênios. Entretanto, no período entre 3500 e 2500 a.

---

[15] LIMA, Paulo Roberto. *A Epopéia de Guilgamesh: A busca da imortalidade*, p.153-155. (grifos nossos). A grande importância da *Epopéia* está no fato de que, mesmo sendo um texto do II milênio a. C., ele reproduz (ou atualiza) lendas ou mitos do passado distante da Suméria. Esse aspecto é de vital importância também no caso do Egito. Por volta de 2400 a. C., na florescente época cultural da V Dinastia, pôs-se por escritos tradições do passado imemorial pré-dinástico do Egito, nos chamados *Textos das Pirâmides.*

C. – o “períodos das cidades-estados hieráticas” na Mesopotâmia, Egito, Creta, Índia e China -, isso já pode ser dado como certo ou já concebido, ao menos no Oriente Próximo.

No sul da Mesopotâmia, encontramos uma situação totalmente nova e singular, pois, no nível do estrato arqueológico conhecido como Uruk A, que está imediatamente acima do de Obeid e pode ser grosseiramente datado por volta de 3500 a. C., as áreas de templos aí podem ser vistas notavelmente aumentadas em tamanho e importância; e então, de súbito, em uma data crucial “que pode ser fixada quase com precisão em 3200 a. C.” (no período do estrato arqueológico conhecido como Uruk B), surge naquela pequena região lodosa suméria, toda a confluência cultural que a partir de então constitui “a unidade germinal de todas as civilizações avançadas do mundo”.

Essa confluência indica a criação factual e claramente consciente – e “isto pode ser afirmado com total certeza”, diz Campbell –, da mente e ciência de uma nova ordem de humanidade que jamais havia surgido na história da espécie humana: o profissional em tempo integral, iniciado e estritamente arregimentado: o sacerdote de templo.[16] A cidade murada foi organizada arquitonicamente no formato de um círculo divido em quatro partes, cujo centro era o santuário principal do palácio ou zigurate e havia o calendário com base matemática para regular as estações da vida da cidade de acordo com as passagens do sol e da lua entre as estrelas – bem como um sistema altamente desenvolvido de artes litúrgicas, incluindo música, a arte de tornar audível a harmonia ordenadora do mundo das esferas celestes.

E foi nesse momento que surgiu pela primeira vez a arte (sagrada) da escrita e que, consequentemente, começou a história documentada de forma escrita. Também surgiu a roda. E temos evidências do desenvolvimento dos dois sistemas numéricos ainda usados em todo o mundo civilizado, o decimal e o sexagesimal; o primeiro era usado principalmente nos cálculos comerciais nos escritórios dos templos, onde eram armazenados os cereais que tinham sido coletados como impostos; o último, na medição ritualística do espaço e também do tempo. Trezentos e sessenta graus, então como hoje, representavam a circunferência de um círculo – o ciclo do horizonte – enquanto trezentos e sessenta dias, mais cinco, marcavam a mediação do círculo do ano, o ciclo do tempo. Os cinco dias intercalados, que formam o total de trezentos e sessenta e cinco, foram usados para representar uma passagem sagrada, através da qual a energia espiritual fluía

[16] CAMPBELL, *op. cit*., p. 126.

do pleroma da eternidade para o círculo do universo temporal e foram, em decorrência disso, fixados como dias de festas e festivais sagrados de Ano-Novo.

Comparativamente, o zigurate, o ponto principal no centro do círculo sagrado do espaço urbano, onde os poderes terrenos e celestiais se uniam, era também caracterizado pelo número cinco; pois os quatro lados da torre, orientados para os pontos cardinais, juntavam-se no vértice – o quinto ponto – e era ali que a energia do céu se encontrava com a da terra, no casamento sagrado, materializado nas pessoas do rei e da rainha (ou deusa).[17] Daí a possibilidade em ser explicado o fato do número *sete* ter um significado todo especial no antigo Oriente Próximo.

A nova inspiração da vida civilizada estava baseada, em primeiro lugar, na descoberta, através de longas e meticulosas observações verificadas uma e outra vez, de que havia, além do sol e da lua, cinco outras esferas celestes visíveis ou apenas visíveis (a saber, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), que se moviam entre as estrelas (fixas) em *trajetórias determinadas*, de acordo com *leis determinadas*, seguindo as rotas traçadas pelo sol e pela lua; e, em segundo lugar, na noção de que as leis que governavam os movimentos das sete esferas celestes, de alguma forma mística, deveriam ser as mesmas que governavam a vida e o pensamento dos homens sobre a terra.

Toda a cidade, e não apenas a área dedicada aos templos, era agora concebida como uma imitação na terra da ordem cósmica, um cosmos intermediário sociológico, ou mesocosmos, instaurado pela astúcia eclesiástica entre o macrocosmos do universo e o microcosmo do indivíduo, revelando a forma única e essencial de tudo.

Discutindo sobre a "sacralização do espaço", Eliade diz que temos, pois, de considerar uma sequência de concepções religiosas e imagens cosmológicas que são solidárias e se articulam num "sistema", ao qual se pode chamar de "sistema Mundo" das sociedades tradicionais[18]: a) um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; b) essa rotura é simbolizada por uma "abertura", pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior); c) a comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao *Axis mundi* (coluna universal)*:* pilar, escada (como na escada das Jacó), montanha, árvore, cipós, etc.; d) em torno desse eixo cósmico

[17] Em termos arquitetônicos, as pirâmides do Egito não deixam de também apresentar essas mesmas características físicas, não obstante seus objetivos funerários.
[18] Também incluiríamos as pré e proto-históricas que estamos estudando.

estende-se o “Mundo” (“nosso mundo”) – logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no umbigo da Terra”, é o Centro do Mundo.[19]

Relacionado com essas observações dos astros ou elementos celestes, está a vida agrícola. Essas observações também tinham um aspecto prático. Uma vez percebidas, estabeleceram-se inter-relações entre o sol, a lua, a terra, a chuva e a vida vegetal. Surgiram, dessa maneira, noções interessantes como enterrar a semente equivalendo à morte; ou que a germinação se associava às ideias de renascimento e ressurreição da vida. Com efeito, surgiram aquilo que poderíamos chamar as “religiões agrícolas” do antigo Oriente Próximo, já que correlacionam concepções de morte e ressurreição com agricultura e sexualidade. Tais ideias são-nos também diretamente conhecidas por intermédio de tribos indígenas ou dos chamados povos “primitivos”.

Nesse momento, abro um parêntese para explicar um pouco de minha metodologia. Compartilho, portanto, de uma visão histórica que sugere que as religiões, (ou as ideias religiosas), ao longo do tempo, passam por transformações e atualizações, e que podemos encontrar ecos de ideias atuais em épocas bem mais antigas. Assim, ideias de renascimento, morte e ressurreição são antiquíssimas na história humana, não sendo possível datar com absoluta certeza sua origem, mas podemos situá-las, conforme nosso conhecimento atual, principalmente derivado de noções judaico-cristãs, do período que estamos investigando, entre as revoluções neolítica e urbana; ou seja, como que ganhando novas roupagens por essa época “revolucionária”.

Esse tema foi bastante explorado pela antropologia e psicanálise na passagem do século XIX para o XX, tendo entre suas pérolas os estudos clássicos de Sir James Frazer, Émile Durkheim e Freud.[20] De modo semelhante, Eliade dizia que as grandes religiões mediterrâneas ou asiáticas, dispõem de mitologias. Mas é preferível não iniciar o estudo do mito partindo, digamos, da mitologia grega, egípcia, ou indiana. Na sua maior parte, os mitos gregos foram contados e, por conseguinte, modificados, articulados, sistematizados, por Hesíodo e Homero, pelos rapsodos e pelos mitógrafos:

> As tradições mitológicas do Próximo Oriente e da Índia foram cuidadosamente reinterpretadas e elaboradas pelos respectivos teólogos e ritualistas. Isto não quer dizer, evidentemente, que essas Grandes Mitologias tenham perdido a sua “substância mítica e mais sejam do que “literaturas”, ou que as tradições mitológicas das sociedades arcaicas não tenham sido modificadas por sacerdotes e bardos. Tal

[19] ELIADE, Eliade. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*, 2001, p. 38.
[20] FRAZER, James G. *O Ramo de Ouro*; Émile DURKHEIM. *As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*; FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*.

> como as Grandes Mitologias, que acabaram por ser transmitidas como textos escritos, também as mitologias "primitivas", conhecidas pelos primeiros viajantes, missionários e etnógrafos no estado oral, têm uma "história": por outras palavras, elas foram transformadas e enriquecidas ao longo dos tempos, sob a influência de outras culturas superiores, ou graças ao gênio criador de certos indivíduos excepcionalmente dotados.[21]

Em 1932, Léo Frobenius resumiu os contornos do tema da relação entre morte e vida, com agricultura, a partir dos chamados arquétipos do regicídio sacral, presentes em diversos povos de tempos antigos e modernos. A ênfase essencial está no controle do tempo da morte do deus:

> O grande deus tem que morrer, ser privado de sua vida e encerrado no mundo subterrâneo, dentro da montanha. A deusa (e permita-nos chamá-la de Ístar, usando seu nome babilônico posterior) acompanha-o ao mundo subterrâneo e, após a consumação de sua auto-imolação, liberta-o. O mistério supremo foi celebrado não apenas nas canções famosas, mas também nos antigos festivais de ano novo, onde ele foi apresentado dramaticamente, e essa representação dramática, pode-se dizer, representa o ápice da base elementar e da lógica da mitologia na história do mundo.
> Toda a idéia foi realizada, outrossim, em uma organização correspondente às instituições sociais, da qual os vestígios e ecos melhor preservados podem ser encontrados na África. De fato, as idéias foram encontradas preservadas e até hoje em ação na região eritréia sul-africana (Moçambique, Angola e Rodésia). Ali, o rei, representando a grande cabeça divina, levava mesmo o nome "Lua", enquanto sua segunda esposa era a amada da Lua, o planeta Vênus. E quando chegava a hora da morte do deus, o rei e sua esposa Vênus eram estrangulados e seus restos colocados na cova de sepultamento em uma montanha, de onde se supunha então que eles ressuscitariam como as novas, ou "renovadas" esferas celestes. *E isso, certamente, deve representar a mais antiga forma do contexto mitológico e ritual.* Já na antiga Babilônia encontrava-se enfraquecida, visto que o rei, no Festival de Ano Novo no templo, era apenas despido de seu vestuário, humilhado e golpeado, enquanto no mercado um substituto, que tinha sido cerimonialmente investido com todas as honras, era levado à morte pelo enforcamento.[22]

Além disso, outro aspecto associado diz respeito, em primeiro lugar, àquilo que poderia ser definido como "o evento mitológico" ocorrido "no princípio", que foi a chegada da morte ao mundo; e o fato central é que a morte chega por meio de um assassinato. Em segundo lugar, as plantas graças às quais o homem vive derivam dessa

---

[21] ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*, p. 11,12.
[22] *Apud* CAMPBELL, *As máscaras de Deus. Mitologia Primitiva*, p. 143-44. (Grifos nossos).

morte; ou seja, o mundo vive da morte: este é o insight transmitido dramaticamente nessa imagem.

O mito a seguir, foi coletado por Adolf Jensen, de Frankfurt, em uma expedição à ilha de Nova Guiné, e representa bem essa combinação de elementos indicados no estrato cultural canibalístico: o da virgem Hainuwele, cujo nome significa "Folhagem do Coqueiro" e que é uma das três virgens Dema (ser divino) altamente reverenciadas entre as tribos de Ceram Ocidental.

> Nove famílias da espécie humana procederam, no princípio, do monte Nunusaku, onde as pessoas tinham emergido de cachos de banana. E essas famílias foram parar na ilha de Ceram Ocidental, em um lugar conhecido como os "Nove Terreiros de Dança", que fica na selva entre Aholo e Varoloin.
> Havia entre elas um homem chamado Ameta, que significa "Escuro", "Preto" ou "Noite", e ele não era casado nem tinha filhos. Um dia, saiu para caçar com seu cão. E em pouco tempo, o cão farejou um porco selvagem que perseguiu até uma lagoa, para dentro da qual o animal fugiu; mas o cachorro permaneceu na margem. O porco cansou-se de nadar e afundou, mas o homem, que tinha chegado nesse tempo, apanhou-o. E encontrou um coco entre suas presas, embora naquela época não houvesse coqueiros no mundo.
> De volta à sua choupana, Ameta colocou o coco num suporte e cobriu-o com um pano que tinha um desenho de cobra e depois foi dormir. Durante a noite, apareceu-lhe a figura de um homem, que disse: "O coco que você colocou no suporte coberto com um pano, você tem que plantar na terra, senão ele não crescerá". De maneira que Ameta plantou-o na manhã seguinte e, em três dias, a palmeira estava alta. Mais três dias e ela estava em plena floração. Ele trepou na árvore para arrancar as flores, com as quais desejava preparar uma bebida para ele mesmo, mas enquanto as arrancava cortou o dedo e o sangue escorreu por uma folha. Ele voltou para casa a fim de fazer um curativo e em três dias retornou à palmeira, descobrindo que, na folha onde o sangue se misturara com a seiva da flor cortada, tinha surgido o rosto de alguém. Três dias mais tarde, havia aparecido o tronco de uma pessoa e, quando ele voltou novamente em três dias, descobriu que uma menininha tinha se desenvolvido de uma gota de sangue. Naquela noite, a mesma figura de um homem apareceu-lhe em sonho: "Pegue o pano com o desenho de cobra", ele disse, "envolva cuidadosamente a menina da palmeira nele e leve-a para casa".
> Assim, na manhã seguinte Ameta encaminhou-se com o pano para o coqueiro, subiu na árvore e envolveu cuidadosamente a menininha. Desceu com cautela, levou-a para casa e deu-lhe o nome de Hainuwele. Ela cresceu rápido e, em três dias, era uma donzela núbil. Mas não era como uma pessoa comum pois, quando ia satisfazer as necessidades naturais, seus excrementos consistiam de toda sorte de artigos valiosos, tais como pratos e gongos chineses, de maneira que seu "pai" ficou muito rico.
> E por volta daquela época estava para celebrar-se no lugar dos Nove Terreiros de Dança a grande Dança Maro, que deveria prolongar-se por nove noites inteiras e as nove famílias da espécie humana deveriam

participar. Acontece que quando as pessoas dançam a Maro, as mulheres sentam-se no centro e dali jogam nozes-de-areca para os homens que, dançando, formam uma espiral de nove voltas. Hainuwele ficou no centro desta celebração atirando nozes para os homens. E ao amanhecer, quando a dança acabou, todos foram para casa dormir.

Na segunda noite, as nove famílias da espécie humana reuniram-se no segundo terreiro; pois quando a dança Maro é celebrada, ela precisa ser executada cada noite em um lugar diferente. E mais uma vez, Hainuwele foi colocada no centro para dar nozes-de-areca aos dançarinos; mas quando eles lhe pediaram as nozes, ela deu-lhes corais em seu lugar, o que todos acharam muito bom. Os dançarinos, e os outros também, começaram então a comprimir-se para pedir nozes-de-areca e ela deu-lhes corais. E assim a função continuou até o alvorecer, quando todos foram para casa dormir.

Na terceira vez... ela deu belos pratos de porcelana chinesa e cada um dos presentes recebeu um desses pratos. Na quarta noite, ela deu pratos maiores de porcelana e na quinta, grandes facões; na sexta, caixas de cobre lindamente trabalhadas contendo bétele; na sétima, brincos de ouro e na oitava, gongos maravilhosos. O valor dos objetos aumentava, portanto, de noite para noite, e as pessoas acharam isso misterioso. Elas reuniram-se e discutiam a questão.

Estavam todos extremamente invejosos por Hainuwele poder distribuir tais bens e decidiram mata-la. Na nona noite, por isso, quando a moça foi novamente colocada no centro do terreiro de dança para distribuir nozes-de-areca, os homens cavaram um buraco fundo na área. No círculo do centro da grande espiral nônupla, os homens da família Lesiela estavam dançando e, no curso do lento movimento circular da espiral, eles pressionaram a donzela Hainuwele em direção ao buraco e a empurraram para dentro. Uma canção Maro cantada por três vozes altas abafou seus gritos. Eles a cobriram rapidamente com a terra que os dançarinos socaram com os pés. Eles continuaram dançando até o amanhecer, quando os festejos acabaram e as pessoas voltaram para suas choupanas.

Mas quando o festival Maro acabou e Hainuwele não voltou, seu “pai” sentiu que ela tinha sido morta. Ele pegou nove galhos de um arbusto cuja madeira é usada na previsão dos oráculos, e com eles reconstruiu em sua choupana os nove círculos dos dançarinos Maro. Então, ele soube que Hainuwele tinha sido morta no Terreiro de Dança. Ele pegou nove folhas da fibra da folha de coqueiro e foi com elas para o lugar da dança, fincou-as uma a uma na terra e, com a nona, foi até onde tinha estado o círculo mais interior da espiral. Quando fincou a nona fibra e a puxou de volta, sobre ela havia alguns fios de cabelo e sangue de Hainuwele. Desenterrou o cadáver e cortou-o em muitas partes, que enterrou em toda a área do Terreiro de Dança – com exceção dos dois braços, que levou para a donzela Satene, a segunda das supremas virgens Dema de Ceram Ocidental. Na época do surgimento da espécie humana, Satene tinha surgido de uma banana verde, enquanto os outros tinham saído de bananas maduras, e agora era a soberana de todos. Mas as partes enterradas de Hainuwele, enquanto isso, já estavam se transformando em coisas que até então jamais tinham existido em qualquer parte da terra – sobretudo certas plantas tuberosas que se tornaram desde aqueles tempos o principal alimento das pessoas.

Ameta amaldiçoou a espécie humana e a donzela Satene ficou furiosa com as pessoas pela matança. Então, ela construiu sobre um dos

> terreiros de dança uma grande passagem, constituída de uma espiral nônupla, igual à formada pelos homens durante a dança, e se postou sobre um grande toro dentro dessa passagem, tendo nas duas mãos os dois braços de Hainuwele. Então, ela convocou as pessoas e disse-lhes: "Porque vocês mataram, recuso-me a continuar vivendo aqui; hoje irei embora. E assim, agora vocês todos terão que tentar vir a mim através desta passagem. Aqueles que conseguirem continuarão sendo pessoas, mas aos que fracassarem, algo diferente acontecerá".
> Eles tentaram alcançá-la através da passagem espiralada, mas nem todos conseguiram e aqueles que fracassaram foram transformados em animais ou espíritos. Foi assim que surgiram os porcos, os veados, os pássaros, os peixes e muitos espíritos que habitam a terra. Até então haviam existido apenas pessoas. Aqueles, entretanto, que conseguiram atravessa-la, foram até Satene; alguns pela direita do toro onde ela estava e outros pela esquerda, e , quando cada um passava, ela o golpeava com um dos braços de Hainuwele. Os que iam pela esquerda tinham que saltar sobre cinco varas de bambu e os que iam pela direita, sobre nove, e desses dois grupos respectivamente resultaram as tribos conhecidas como "dos Cinco" e "dos Nove". Satene disse-lhes: "Estou partindo hoje e vocês não me verão mais na terra. Apenas quando morrerem me verão novamente. Mas, mesmo assim, terão que concluir uma jornada muito árdua antes de alcançá-la".
> E com isso, ela desapareceu da terra. Ela agora vive na montanha dos mortos, na parte sul de Ceram Ocidental, e quem quer que deseje ir até ela terá que morrer.[23]

Assim, o ser divino (o Dema) tornou-se carne na substância alimentar viva do mundo. A repulsa humana diante da realidade da vida - que é lidar com a morte – é exatamente a crise humana aqui superada. E, nas sociedades agrícolas pré-históricas, uma nova percepção ou solução foi proporcionada pela lição do próprio mundo vegetal, que está de alguma maneira relacionado com a lua, a qual também morre e ressuscita e, além do mais, influência, de alguma forma misteriosa ainda desconhecida, o ciclo lunar do útero.

Ademais, como sabemos por muitos mitos e fragmentos mitológicos, os órgãos sexuais são considerados como surgidos na época dessa chegada da morte. A reprodução sem a morte seria uma calamidade, como seria a morte sem a reprodução. A interdependência da morte e do sexo, sua importância como aspectos complementares de um único estado de existência e a necessidade de matar (matar e comer) para a continuidade desse estado de ser, que é o do homem na terra e o de todas as coisas na terra, os animais, os pássaros e os peixes – esse tocante e emocionalmente perturbador

---

[23] *Ibid*, p. 147-50. Alguns elementos interessantes nesse mito e em outros semelhantes são as expressões "no princípio" (tempo mítico); o tempo de "três dias" para transformações revolucionárias e o tema do "guardião (ou guardiã) do mundo dos mortos", com seus desafios para se ultrapassá-lo.

vislumbre da morte como sendo a vida dos vivos, é a motivação básica que sustenta os ritos ao redor dos quais se formou a estrutura dos primeiros agricultores aldeões. Na prática, isto equivale àquela definição de mito proposta por Eliade como uma "história verdadeira e exemplar":

> O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos "começos". Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um pensamento humano, uma instituição... O mito é considerado como uma história sagrada; é, portanto uma "história verdadeira", porque se refere sempre a *realidades*. O mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do Mundo está aí para o provar; o mito da origem da morte é também "verdadeiro" porque a mortalidade do homem prova-o, e assim por diante.[24]

Ainda devemos considerar outro aspecto que influía nessa estrutura formativa do mito da ordem, e relacionado às religiões agrícolas, que é o biológico/sexual, aparentemente manifesto em um desequilíbrio nas relações de gênero. Isto é, no período paleolítico (anterior à época neolítica) caracterizado por uma sociedade de caçadores, pescadores e coletores, supõe-se, teria havido uma predominância no papel social e na posição do homem em relação à mulher.

Posteriormente, na era neolítica, a mulher mudou de posição (ou passou a ser vista de forma diferenciada), pois, são muitas as estatuetas de mulheres encontradas que sugerem novos posicionamentos sociais e religiosos da mulher. E por estarem nuas, grávidas e realisticamente representando o corpo feminino,[25] especialistas inferem que a mulher era vista como "a detentora dos segredos e mistérios da vida",[26] em seu papel de mãe e nutridora - uma vez que o entendimento dos processos de concepção e gestação era completamente desconhecido e misterioso para os homens - sendo relacionada, em consequência, com a fertilidade agrícola e, por isso, ganhando status de *deusa* (*Magna Mater*, Mãe-terra, Deusa da fertilidade, etc.).

Aqui, portanto, a mulher relaciona-se misticamente com a Terra: dar à luz seria uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas

---

[24] ELIADE, *op. cit., p. 12, 13.*

[25] Nas representações masculinas, os homens normalmente estão de *máscaras* como nas das cavernas.

[26] CAMPBELL fala numa contínua "guerra dos sexos". Já no período histórico teriam surgido as "sociedades masculinas" ou uma transferência do poder e prestígio para o homem. *As máscaras de Deus. Mitologia primitiva*, p. 265-267.

relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da *Terra Mater,* da Mãe universal. A crença de que os homens foram paridos pela Terra espalhou-se universalmente.

Não obstante seu radicalismo, ao menos para nossos padrões ocidentais modernos, ainda na primeira metade do século XX, o profeta indiano Smohalla exemplifica esse respeito pela "mãe natureza" ao recusar-se a trabalhar a terra, nos seguintes e comoventes termos:

> É um pecado ferir a terra ou cortar, rasgar ou arranhar nossa mãe comum com trabalhos agrícolas. Vós pedis-me que trabalhe nossa mãe? Mas então, quando eu já estiver morto, ela não me acolherá mais em seu seio. Pedis-me que cave e desenterre pedras? Iria eu mutilar-lhe as carnes a fim de chegar a seus ossos? Mas então já não poderei entrar em seu corpo para nascer de novo. Pedis-me que corte a erva e o feno, e que o venda, e que enriqueça como os brancos? Mas como ousaria eu cortar a cabeleira de minha mãe?[27]

Por outro lado, em uma história da *idéia de Deus*,[28] é plausível pressupor que o Ser Supremo e Absoluto tenha sido entendido como pertencente, também, ao gênero feminino, na época neolítica. Com efeito, sexualidade e vida agrícola estavam imbricadas: enterrar a semente (sêmem) também equivalia à fecundação e, práticas de automutilações masculinas, dão a entender *identificação do homem com a mulher* em seu papel de geradora – daí termos vários mitos com andróginos.

Descrevendo determinado cerimonial entre os Aranda, da Austrália Central, em fins do século XIX, os antropólogos Spencer e Gillen, apresentaram relato extenso de um "rito de passagem" para um adolescente "passar" para a vida adulta na tribo. Entre as práticas rituais, está a dolorosa e cruel circuncisão e subincisão. Diante de uma tribo bem "primitiva" como essa – fez a operação cirúrgica no jovem com uma pedra, como na idade da pedra - percebemos um pouco do que talvez fosse o significado "original" dessa prática. Combinando as análises antropológicas e psicanalíticas de um Dr. Geza Róheim, Campbell faz o seguinte resumo interpretativo do rito.

> O aspecto sexual do simbolismo deste rito fantástico é óbvio demais para precisar de comentário. A ferida da subincisão é com freqüência mencionada como um "útero do pênis ou vagina"; de maneira que o

---

[27] Mircea ELIADE. *Sagrado e profano*. *A essência das religiões*, p. 116

[28] Karen ARMSTRONG, *Uma história de Deus. Quatro milênios em busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.*

> macho foi intencionalmente convertido pela operação em um macho-fêmea. O "pai vaginal", como observa o Dr. Róheim, substitui a mãe fálica da situação infantil, e o sangue que é recolhido das feridas da subincisão, portanto, corresponde, na imaginação masculina, ao sangue menstrual das mulheres – o qual nas práticas mágicas das mulheres é extremamente forte. Um dos traços mais pronunciados da psicologia primitiva, em muitas partes do mundo, é o horror do macho selvagem pela menstruação [...] a visão da vagina sangrando produz no macho medo da castração [...] Os meninos sempre devem ter tido medo da vagina castradora; agora, os pais têm essa arma poderosa. Mas agora, também, os rapazes a receberam. A traumática separação da mãe no rito de circuncisão foi dessa maneira recompensada pela obtenção da identificação, simultaneamente, com as mães e os pais. "Não temos medo da vagina sangrando", eles podem dizer agora; "nós próprios a temos. Ela não ameaça pois pênis; ela é o pênis" E finalmente: "Não estamos separados da mãe; porque nós dois somos um".[29]

E esse costume da autocastração, (como circuncisão) em êxtase ritual, por parte de devotos, era comum no Oriente Próximo, entre os adoradores de Cibele quanto os cananitas (Síria-Palestina), que rendiam culto a Astartéia. A mitologia de alguns deles, como é o caso de Agdiste, de acordo com Tractemberg, mostra-a também como um mostro andrógino e, em muitas regiões, a "Rainha do Céu" é adorada na companhia de seu "Filho Consorte".[30] Dessa forma, torna-se perceptível aqui as inter-relações entre astros, agricultura, sexualidade e relações de gênero. Inclusive, nas cosmogonias tanto da Suméria quanto do Egito, há sempre um "casal primordial" na "águas primordiais" no início da criação (Mesopotâmia) ou formação do mundo (Egito).

No Egito, Atum, o Deus Criador, possuindo em Si a bipolaridade, era, por conseguinte, hermafrodita. Antes da Criação, Atum vivia imerso no *Num*, um grande Oceano Primordial simbólico, que significa potencialidade, latência, a "possibilidade" de toda a Criação, que pré-existia em seu "pensamento". Ao manifestar-se, ou seja, ao "nomear" tudo o que existia apenas em abstração, Atum o fez emitindo um som, uma palavra, o Verbo, que, desencadeando uma formidável "explosão", "separou" os dois pólos: Rá, o ativo/passivo/masculino e Ma (Maat), passivo/negativo/feminino. A partir daí, várias energias ou atributos (os deuses) foram emanados, propiciando, num processo de materialização gradual e atemporal, toda a Criação. Estes deuses eram sempre gerados

---

[29] CAMPBELL, *As Máscaras de Deus. Mitologia Primitiva*, p. 92-3.
[30] Moisés TRACTEMBERG. *Psicanálise da circuncisão*, p. 104.

em “duplas”, “gêmeos”, “esposo/esposa”, irmão/irmã”, significando, exatamente, pólos opostos e complementares, cuja “união” resultava, numa terceira condição.[31]

A relação entre agricultura e fertilidade também foi a responsável pela imagem da árvore ou do fruto milagroso como representação da realidade absoluta. Essa idéia religiosa, conforme Eliade, confere, ao mesmo tempo, imortalidade, onisciência e onipotência e que é capaz de transformar os homens em deuses. Assim, a imagem da árvore não foi escolhida unicamente para simbolizar o Cosmos, mas também para exprimir a Vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência. Além das árvores cósmicas, a história das religiões conhece Árvores da Vida (Mesopotâmia), da Imortalidade (Ásia, Antigo Testamento), da Sabedoria (Antigo Testamento), da Juventude (Mesopotâmia, Índia, Irã) etc.

Em outras palavras, a árvore sagrada conseguiu exprimir tudo o que o homem religioso considera *real e sagrado por excelência.* Ainda, aquilo que se chama de cultos de vegetação não depende de uma experiência profana, “naturalista”, em relação, por exemplo, com a primavera e a renovação da vegetação. É, pelo contrário, a experiência religiosa da renovação (recomeço, recriação) do Mundo que precede e justifica a valorização da primavera como ressurreição da Natureza. É o Mistério da regeneração periódica do Cosmos que fundou a importância religiosa da primavera.[32]

Mais uma vez, fazendo referência à *Epopéia de Guilgamech,* a “planta” que dá a vida (eterna) está presente. Após ouvir o relato do dilúvio, em que Utnapschitin foi salvo e agraciado pelos deuses, o herói revela um segredo, “um mistério dos deuses” a Guilgamech, para que tenha sua juventude restaurada: “Há uma planta que cresce debaixo d’água, tem um espinho, como o de uma rosa; ferirá suas mãos, mas se tiveres sucesso em apanhá-la, então tuas mãos segurarão aquilo que restaura a um homem sua juventude perdida”. Assim, ansioso por “vencer o triste destino humano” - a morte, Guilgamech parte em busca da planta, no fundo do mar. No barco,

> Abriu as comportas para que a correnteza de água doce o levasse ao canal mais profundo; amarrou pedras pesadas a seus pés, que o arrastaram até o fundo das águas. Ali viu a planta crescendo; muito embora o ferisse, tomou-a nas mãos; então cortou as pesadas pedras de seus pés, e o mar carregou-o na praia.

---

[31] Lourdes BACHA. *Escritos do Antigo Egito,* p. 40-1.
[32] *Ibid*, p. 123-26.

O rei Guilgamech está a caminho de Uruk, feliz, e na expectativa de levar a planta aos velhos para que experimentem de novo "o vigor da juventude". No caminho, uma pequena parada, uma grande frustração e seu comovente lamento de dor existencial. Esse lamento, talvez como diria C. Jung, é o lamento arquetípico do homem da região da Mesopotâmia, do homem sem esperança do que há no pós-morte, pois, na região, "a vida", além de ser algo é algo reservado exclusivamente aos deuses. No pós-morte, não há nada; uma idéia semelhante ao *Xeol* bíblico e compartilhada por Israel.[33]

> Guilgamech viu um tanque de água fresca, ao qual desceu e banhou-se; mas no fundo da piscina está uma serpente, e a serpente percebeu a suavidade da flor. Ergueu-se entre as águas e roubou-a; imediatamente soltou sua pele e voltou ao tanque. Então Guilgamech sentou-se e chorou, as lágrimas descendo por sua face, e tomou a mão de Urchanabi (o balseiro): - Ó Urchanabi, foi por isto que pelejei com minhas mãos; foi por isto que arranquei o sangue de meu coração? Para mim mesmo, nada ganhei; não eu, mas a besta da terra a desfruta agora. Já a correnteza carregou-a vinte léguas para trás, no canal onde a encontrei. Encontrei um sinal, e agora o perdi. Deixemos o barco na margem e vamos[34]

Por fim, com os ciclos da vida (nascer, crescer, reproduzir-se, morrer e *renascer),* as ideias de morte e renascimento do cosmos foram transplantadas para a vida em geral. Ou seja, entendia-se que não apenas *diariamente*, mas a cada *longo período* (ou eras) a natureza - e a cadeia viva em geral - "morria" e "renascia", ou se renovava, comemorada ritualmente nas festas de Ano Novo e coroação real.[35]

As ideias de "morte e renascimento" aplicadas ao cosmos (indicativas da noção temporal de tempo cíclico), são-nos melhor conhecida pelas tradições orientais do Hinduísmo, na forma da *Sansara* - a grande roda – que também engloba a doutrina da reencarnação. Na Suméria e no Egito, deu-se, posteriormente, a noção de tempo linear, principalmente retransmitida ao Ocidente pela tradição judaico-cristã. Aqui, prevê-se que, *uma vez tendo o mundo sido criado, a História segue seu curso em linha reta*, até o juízo.

Entretanto, a noção de tempo ciclo, no Oriente Próximo, deve ser considerada como senda bem mais primitiva. E isso fica evidente na noção de "destruição cósmica",

---

[33] Palavra de origem desconhecida, que designa as profundezas da terra (Dt 32,22; Is 14,9 etc.) onde os mortos "descem" (Gn 37,35; I Sm 2,6 etc.) e onde os bons e os maus se confundem (ISm 28,19; Sl 89,49; Ez 32,17-32) e têm sobrevivência apagada (Ecl 9,10), e onde Deus não é louvado (Sl 6,6; 88,6, 12-13; 115,19; Is 38,18. A doutrina das recompensas e das penas de além-túmulo e da ressurreição, preparada pela esperança dos salmistas (Sl 16,10-11; 49,16) só aparecem claramente no fim do Antigo Testamento (Sb 3,5 em ligação com a crença na imortalidade, ver Sb 3,44; 2Mc 12,38).

[34] LIMA, *op. cit*. p, 164-6.

[35] Cf. CAMPBELL. *As Máscara de Deus. Mitologia Oriental. passim*.

conhecida como Dilúvio na região próximo-oriental. Ou seja, o Dilúvio Sumério e bíblico (em águas) teria sido uma *interpretação* de historiadores ou poetas sumérios, para um acontecimento do passado, que seria um divisor de águas entre duas eras; e mais que isso, a nova era representava um recomeço cósmico.

Na chamada *Lista real suméria*, que certamente influi nas demais "listas" babilônica e judaica, agrupando e demarcando os antepassados "antes e depois do dilúvio", certamente a indicação não é histórica, mas mítica. Em todas há dez nomes de reis ou patriarcas. Além disso, o total de anos é sempre um número múltiplo. Assim, nas listas sumérias, o total de anos em uma delas é de 241.200 anos; em outra, é de 456.000. Já na lista babilônica, o total é de 432.000; e na judaica, 1.656. As somas finais são múltiplos do mesmo número inteiro 1.200, que na Índia representa a soma dos "anos divinos" em um ciclo cósmico: 1200 X 201 = 241.200; 1200 X 380 = 456.000; 1200 X 360 = 432.000.

> O sistema numéral [sexagesimal] baseava-se no *soss* (60), por cuja unidade ainda medimos e calculamos o tempo. Sessenta segundos fazem um minuto, 60 minutos um grau, 360 graus em círculo. O céu e a terra são medidos em graus. E no círculo do tempo, 60 segundos fazem um minuto, 60 minutos uma hora. O ano mesopotâmico contava com 360 dias, de maneira que o círculo do tempo e o do espaço estivessem em harmonia, como duas perspectivas do mesmo princípio numérico. E no centro do círculo do espaço estavam os cinco pontos do zigurate sagrado – quatro ângulos voltados para os pontos cardeais e o topo para o céu – por meio dos quais a divindade vinha ao mundo, enquanto no círculo do tempo, igualmente, além dos 360 dias seculares, havia um festival que se prolongava por uma semana de cinco dias, durante a qual o ano velho morria e o novo nascia, e era restaurado o princípio da divindade na terra. Além do mais, como o dia em proporção ao ano, o ano também estava em proporção ao ano grande, e no final de tal era, ou ano grande, havia um dilúvio, uma dissolução e um reinício cósmico.[36]

Consequentemente, estamos tratando, na verdade, do tempo mítico, não obstante, era uma das principais teses de Eliade, a principal diferença entre o homem antigo e o moderno fosse o fato fundamental de que, enquanto o homem moderno reconhece-se como derivado ou produto da *história*, o homem antigo reconhecia-se como sendo um produto do que chamamos *mito*. E mais ainda, enquanto um homem moderno, considerando-se como um produto do curso da História Universal, não se sente obrigado a conhecê-la na sua totalidade. O homem das sociedades arcaicas não só é obrigado a

---

[36] CAMPBELL. *As Máscaras de Deus. Mitologia Oriental*, p. 97-8.

recordar a história mítica da sua tribo, como também a *reatualizar* periodicamente grande parte dela. E acrescenta Eliade: "É aqui que se nota a diferença fundamental entre o homem das sociedades arcaicas e o homem moderno: a irreversibilidade dos acontecimentos que, para este último, é a marca característica da História, não constitui uma evidência para o primeiro.[37]

No Egito, por exemplo, a antiguidade dessa idéia está exposta em um texto cosmogônico antiquíssimo, que foi escrito por volta de 2400 a. C., e que é parte dos chamados *Textos das Pirâmides*, nº 330. Nessa época, os sacerdotes "colocaram em dia" as antigas tradições orais do passado pré-dinásticos do Egito. Portanto, nesses textos, estamos lidando com ideias muito antigas, sem data determinável, e que tiveram uma influência profunda na mentalidade e nos destinos religiosos da região próximo-oriental. Também temos conhecimento de ideias semelhantes, por meio da tradição judaico-cristã. Nesse Hino, chamado de *Monólogo de Atum* (ou Aton) da cosmogonia da Escola de Heliópolis, a divindade diz:

> *Eu sou o Grande Deus dos espaços do Céu,*
> *Aquele da origem dos tempos e das formas,*
> *Quando o espaço ainda era um Oceano Líquido, Ilimitado.*
> *Ninguém Me procriou, porque*
> *Eu já havia nascido antes de toda existência,*
> *Por intersecção dos poderes mágicos.*
> *De todos os nomes pelos quais*
> *Eu me nomeio,*
> *Eu criei as hierarquias celestes e a matéria divina que se produz ela mesma.*
> *Eu sou Atum,*
> *E já existia quando não havia traço de nada no Oceano Cósmico.*
> ***Eu sou o que foi o começo do universo,***
> ***Eu sou o que será o seu fim,***
> *Quando ele estiver estendido no Grande Sarcófago.*
> *Eu fiz jorrar do Num as existências*
> *Que se apagaram após longo tempo,*
> *Como desaparecem as águas do rio,*
> *E trago em Meu corpo, inumeráveis, as existências do amanhã.*
> *Eu sou Atum,*
> *E sei que os mortos serão eternos em Osíris,*
> *Porque Osíris é a eternidade*
> *Para aqueles que forem justos, caritativos*
> *E expulsarem a desarmonia das terras do Egito.*
> ***Após a grande destruição e desmoronamento dos mundos,***
> ***Estabelecerei o equilíbrio dos mundos celestes,***

[37] ELIADE, *Aspectos...*, p. 18-9; *O conhecimento sagrado de todas as eras*. São Paulo: Mercuryo, 1995.

> ***Desenvolverei seu esplendor,***
> *E verei, novamente, nascer Rá, cuja luz é Minha luz.*
> *Eu sou Atum dos espaços dos céus...*
> ***Atum das origens e do fim do mundo!***[38]

Algumas questões que o texto suscita são: Qual seria o propósito de alguém perguntar sobre o futuro ou o sobre o "fim do mundo", em uma época tão distante? Desde quando há esses questionamentos ou especulações na história humana? Ou seria apenas uma mera ideia derivada de uma noção de tempo cíclico, onde coexistem, formando um mesmo complexo de pensamentos, *origem-destruição-e-recomeço*?

---

[38] BACHA, o*p. cit.* , p. 50. Algumas idéias importantes presentes no hino, são conhecidas na Bíblia, tais como "Eu sou o Alfa e o Ômega", " Eu sou o Princípio e o Fim"; além da certeza divina dos "novos céus e da nova terra", no Apocalipse.

# CAPÍTULO IV
# A IDÉIA ARTICULADA

Da observação desses múltiplos aspectos diante de sua realidade, conforme discutidos no capítulo anterior, o homem arcaico extraiu sua conclusão[39]: *há uma Ordem ou propósito no universo, uma espécie de regularidade pré-fixada na natureza.* E, como "teoria geral", é razoável supor que *a primeira idéia estruturadora da vida primitiva em geral tenha sido o animismo astrológico*.

Esse fato pode ser constatado com uma importante informação recolhida diretamente com a astróloga Ana Maria Ribeiro. Ela diz que, desde 15.000 a.C., o homem mesolítico já observava o Sol e a Lua. Os caldeus, por sua vez, já olhavam a astrologia sob o ponto de vista das constelações e das estrelas fixas, porque "era a coisa mais estável e segura que tinham que comparar na sua vida".[40]

Assim, da observação dos fenômenos astronômicos, que possuíam sua utilidade prática no dia-a-dia, passou-se à astrologia. Hipoteticamente, o raciocínio teria sido que: *estando os astros celestes numa perfeita harmonia, cada um em sua posição adequada, num movimento perfeito, então eles estão influindo na vida da Terra: na agricultura, na mulher-mãe, nos ciclos temporais, etc. Portanto, existe uma articulação entre as duas esferas, celeste e terrena*. Em conclusão, para que a vida na terra seja harmônica (homem-homem, homem-natureza), *o homem na terra deve refletir (ou imitar) em sua realidade ética, política e social os harmônicos princípios já esboçados nos astros celestes.*

Ensinando sobre o funcionamento ou a funcionalidade da Astrologia, Ana Maria Ribeiro ainda traz os seguintes esclarecimentos:

> A Astrologia esclarece as pessoas sobre o propósito dos céus... *Forças cósmicas operam em nós*. Apesar de um planeta não ser responsável pelo que nos acontece, a *sua energia, dentro de nós, entra em sintonia, com esse planeta no céu*. É essa energia que provoca as coisas. Somos partes de uma consciência universal, nós e as estrelas. Os astros existem para nosso uso. [41]

Ou seja, na opinião da astróloga, os astros têm vontades, objetivos propósitos e consciência. Entretanto, contraditoriamente, "um planeta não é responsável pelo que nos

---

[39] O Homem não trabalha com o *caos*. Tem necessidade de *organizar a experiência.* Essa foi a idéia de Kant, que será retomada mais à frente.
[40] Ana Maria C. RIBEIRO. *Conhecimento da astrologia. Manual completo*. p. 13. Grifos meus.
[41] *Ibid*, p. 726. (Grifos meus).

acontece". Mas, sua energia "provoca as coisas em nós". Como se resolve a contradição não está claro.

Por outro lado, e, significativamente, foi na forma de "astros celestes" que as divindades passaram, a ser encaradas, como é o caso de Shamash (Sol), Sin (Lua), na Mesopotâmia; ou Rá (Sol), no Egito. De acordo com o historiador Will Durant a adoração do sol já seria velhíssima quando a Suméria começou, e lá essa adoração se expressou no culto de Shamash, "luz dos deuses", que havia passado a noite nas profundezas do norte até que a Aurora lhe viesse abrir as portas; subiu então ao céu, qual uma chama, guiando seu carro pelas avenidas do firmamento; o sol não passava de uma das rodas desse carro.[42]

Na estruturação de uma cidade próximo-oriental, é meu argumento, já está implícita a assimilação desse ideário embutido nessa ideia de um universo articulado e em perfeita harmonia. E, como resultado da adoção da ideia, as aldeias que iam transmudando-se em cidades passaram a ser, não só o centro da vida administrativa do povo, com suas estruturas palaciais e templárias, como também tornaram-se *o Centro do Universo*, um mesocosmos, uma *imitação terrena da ordem celeste*, que era o macrocosmo geometricamente organizado e ordenado.

Em um antigo texto egípcio antigo já se encontra essa correlação entre elementos celestes e arquitetônicos. Além da "centralidade" do Egito no mundo "o Egito é a cópia do Céu ou, para melhor dizer, é o lugar onde se transferem e se projetam, aqui em baixo, todas as operações que *as forças celestes direcionam e põem em operação*... O Egito é o templo do mundo".[43]

Por sua vez, sendo a cidade (ou cidade-Estado) o centro do mundo, o templo passou a ser a morada da divindade e o local onde seus poderes eram manifestos e sua vontade, conhecida. Ademais, o templo também era o local onde a ligação céu-terra era ritualmente concretizada na *hierogamia* - casamento sagrado, união da divindade (ou rei) com a rainha (ou virgem sacerdotisa).[44]

A *ziqqurat* Suméria em outra interpretação (esboçada por Eliade), possuía sete andares, que representavam os sete céus planetários. No topo ficava o templo para se fazer a ligação céu-terra; isto representava e materialização a geometria (triangular) dos quatro pontos cardeais e, juntamente com o vértice (vertical), mais o rei e a sacerdotisa, somam-

---

[42] Will DURANT, *Nossa herança Oriental I*, p.89.
[43] Hermes Trimegistrus – Kore Kosmus. Cf. BACHA, 1997, p. 37. Grifos meus.
[44] , Mircea ELIADE. *Aspectos do mito*; *Sagrado e profano...*

se *sete* elementos articulados. Cidade e/ou Templo constituíam, assim, imagem do mundo*:* "Se o Templo constitui uma *imago mundo,* é porque o Mundo, como obra dos deuses, é lugar sagrado... santo por excelência, casa dos deuses". [45]

Em meio a essa teorização, possivelmente, alguém também teve a coragem de discordar do modelo astrológico, contrapondo os modelos teístas (monoteístas ou politeístas), afirmando que não eram os astros que "comandavam" o universo e a vida, mas uma "inteligência pessoal superior" – não obstante, como hoje em dia, houvesse quem aceitasse e harmonizasse ambas as visões sem entrar em conflito.

Com isso, corporificadas em "teorias sociais", tais ideias exerceram uma forte influência nas dimensões ética e política das primeiras sociedades, que estão como matriz e fundamento de suas várias propostas de sistemas teológicos, filosóficos e ético-sociais que, por sua vez, influenciariam diversos outros povos, que os adaptaram localmente, formando – no conjunto - a *essência de nossas grandes mitologias*.

No Oriente Próximo, como influência direta, podemos apontar, além da astrologia, o judaísmo, o zoroastrismo, o cristianismo e o islamismo; já no Extremo Oriente, temos o hinduísmo, o budismo, o taoísmo e o confucionismo. Todos esses "sistemas de pensamento", consequentemente, admitindo a Ordem no universo como pressuposto básico, vivenciam suas experiências com mensagens e objetivos semelhantes, tais como: o homem deve viver conforme as "leis" celestes (dos astros ou da divindade); o homem deve harmonizar-se intimamente (manter o equilíbrio interno) com ou segundo a Natureza, etc. Pois, para o homem das sociedades arcaicas,[46] a própria existência 'quer dizer' alguma coisa:

> O Mundo não é mudo nem opaco, nem uma coisa inerte, sem objetivo e sem significado... o Cosmos 'vive' e 'fala'... É por essa razão que, a partir de um certo estágio de cultura, *o homem se concebe como um microcosmos*. Ele faz parte da Criação dos deuses, ou seja, em outras palavras, *ele reencontra em si mesmo a santidade que reconhece no Cosmos.* Segue-se daí que *sua vida é assimilada à vida cósmica*.[47]

Essa ligação entre o Céu e a Terra passou a ser *exclusivamente* intermediada pelo rei, representante simbólico (Mesopotâmia) e/ou encarnação do sol (Egito) ou da Lua, segundo as interpretações alhures. Ou seja, nessa "estrutura", o rei era o centro, o

---

[45] ELIADE, *Sagrado...*, p. 41, 56.
[46] E deveríamos acrescentar também Homem moderno.
[47] ELIADE, *Sagrado e profano...*, p. 135. Grifos meus.

representante humano do poder tornado celestialmente. Dessa maneira, o rei trazia em si o "mistério".

No Egito, na Suméria, na Babilônia e na Pérsia, a cerimônia de coroação era ao mesmo tempo um ritual de iniciação, um mistério no sentido estrito, definido por Welburn como "um *contato íntimo com o mundo divino*, definitivamente fechado para a multidão profana". Em seu estudo do assunto, o autor ainda informa que *apenas o rei possui acesso ao mundo do sagrado*... ele deixava de ser um mero homem para se tornar *o médium dos poderes cósmicos*." [48]

Consequentemente, o rei era o *único* canal da vontade e da revelação da divindade para o mundo social e natural; responsável, portanto, pela prosperidade de toda a cadeia da vida - animal, vegetal e humana. E, de acordo com Eliade, que exemplifica com o caso do Egito – e isso pode ser aplicado a vários reis da Antiguidade, "o rei tornou-se de certo modo responsável pela estabilidade, pela fecundidade e pela prosperidade de todo o Cosmos. Isto equivale a dizer que *a renovação universal passa a ser solidária não só dos ritmos cósmicos, mas das pessoas e dos acontecimentos*."[49]

Por sua vez, essa ideia de centralidade e de "solidariedade" do rei em relação a todos os eventos "cósmicos" traduz bem a importância que ele possuía no passado como a "salvação" para todos.

Na passagem do século XIX para o XX, analisando e comparando diversas sociedades, Frazer concluiu que num certo estágio da sociedade antiga, era comum considerar que o rei ou o sacerdote fossem dotados de poderes sobrenaturais ou que fossem a encarnação de uma divindade e, de acordo com essa crença,

> Supunha-se que o curso da natureza estivesse mais ou menos sob o seu controle, razão pela qual eram considerados responsáveis pelo mau tempo, pelas más colheitas e calamidades semelhantes... portanto, se havia seca, escassez, peste ou tempestade, o povo atribuía o infortúnio à negligência ou culpa do seu rei, e o castigava devidamente, açoitando-o e amarrando-o e – caso ele permanecesse insensível – depondo-o e matando-o. Mas, por vezes, se supunha que o curso da natureza, embora considerado como dependente do rei, era parcialmente independente: *sua pessoa é considerada, se assim podemos dizer, como o centro dinâmico do universo, do qual se irradiam linhas de força para todos os cantos dos céus... Ele é o ponto de apoio do qual depende o equilíbrio do mundo*, e a menor irregularidade de sua parte pode perturbar esse delicado equilíbrio.[50]

---

[48] WELBURN, Andrew. *As origens do cristianismo. As fronteiras entre os antigos mistérios pagãos e a crença cristã.* São Paulo: Best-Seller, 1991, p. 42. Grifos meus.
[49] ELIADE, *Aspectos do mito*, p. 40. Grifos meus.
[50] FRAZER, *op. cit*, p. 79.

Assim, detendo de forma exclusiva o sagrado, (ou sendo considerado o elemento social mais importante dessas sociedades, os reis do Egito e da Mesopotâmia, sem "desmitologizar" esse ideário, vieram, por sua vez, a utilizar-se dessas concepções a seu favor, de forma monopolista, principalmente para não serem mortos (sacrificados) ou terem seus reinados reduzidos pelos "astros" ou sacerdotes e demais membros influentes dessas sociedades. Pois, com a noção de tempo cíclico, os reinados também tinham sua periodicidade reduzida ou pré-detrerminada com sua morte restauradora.

Por outro lado, também proponho que essa privatização do sagrado foi *ideologicamente* rompida, ao menos como *projeto frustrado*, por Israel que, originariamente, objetivava ser uma sociedade "sem rei" (anarquista);[51] e posteriormente, pelo cristianismo, com o discurso do *acesso de todos a Deus - O* sagrado por excelência. Dessa forma, podemos considerar que essa foi a revolucionária *democratização do sagrado,* algo que postulo como um grande avanço social no campo das muitas ideias libertárias já desenvolvidas na história humana.

Como efeito dessa concentração de poderes, na Mesopotâmia, temos a noção de *Me* (conjunto de leis universais que governava a existência de todos e de tudo)[52]: "Enki, rei de Abzu, irresistível em sua majestade, manifesta-se com autoridade: 'Meu pai, rei do Universo, deu-me a existência do Universo, Meu ancestral, senhor de todos os reinos juntou todos os *mes*, colocou todos os *mes* na minha mão." E no Egito, por sua vez, conhecemos a noção de *Ma'at.* Sua mitologia sustentava que, após Atum-Rá ter criado o Homem, o Egito e os demais países, dá-lhes a chuva, "para que seja restabelecida - por meio de Faraó, consideremos as ideias de centralidade e solidariedade - Ma'at: a Ordem, a Justiça e a Harmonia, para que seus filhos voltem ao pensamento original".[53]

Nesse sentido, por outro lado, teríamos também aqui os elementos conflitivos, perturbadores e potencialmente desestabilizadores da estrutura ideológica desse modelo de dominação, uma vez que a ideia de Ordem foi apropriada pelas classes sacerdotais dominantes, como um projeto de "cima para baixo", que acabou por regular, conter, absorver e suprimir as atitudes, subjetividades e ideias sincréticas "de baixo". Pois o *sacerdote* (uma nova função social dos complexos templários e palaciais) era nada mais, nada menos, que *um funcionário da ordem estabelecida*, socialmente iniciado e

---

[51] Essa foi a principal tese de Norman GOTTWAL,. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.*
[52] "Me":. "Enki e a Ordem do Mundo". In: ELIADE. *O conhecimento sagrado de todas as eras*, p. 25-28.
[53] BACHA, o*p. cit*., p. 52-55.

legitimado, a serviço da manutenção, transmissão e legitimação dessa visão de mundo ou ideologia.

Por fim, com tudo isso, além de universalizar e *sacralizar* a forma monárquica de governo até o advento da Revolução Francesa, consolidaram-se imbricadas conexões entre poder espiritual e temporal, tornado impossível distinguir, no antigo Oriente Próximo, política, religião e economia, encaradas naquelas sociedades como três dimensões de uma mesma realidade".[54]

[54] CARDOSO. *Sete olhares*..., p. 48.

# CAPÍTULO V
# A IDÉIA COMO MITO

Esta pesquisa não é, exclusivamente, uma pesquisa sobre religião, mas envolve religião, mitologia, ideologia, política e sociedade. E, de acordo com José D'Assunção Barros, poderia ser incluída no "campo histórico" das Mentalidades, da Cultura ou do Imaginário, uma vez que estes campos têm trabalhado com "noções" em processo de conceituação. Em suas palavras, as "noções" são 'quase conceitos', mas ainda funcionam como tateamentos na elaboração do conhecimento científico, atuando à maneira de

> Imagens de aproximação de um determinado objeto (imagens que, rigorosamente, ainda não se acham suficientemente delimitadas). Muitas vezes as noções são resultado de uma descoberta progressiva, de experiência, de investimentos criativos de um ou mais autores que podem ou não ser incorporados mais regularmente pela comunidade científica. Mentalidades, Imaginário e Representação são noções que ainda estão sendo experimentadas no campo das ciências humanas.[55]

Dos vários conceitos e noções que foram mobilizados na pesquisa, considero o do mito como o mais importante para esta discussão final. Isto porque é um termo que tem um histórico de conotações variadas. Contudo, na passagem do século XIX para o XX, surgiram novos olhares, abordagens e enfoques epistemológicos, que foram sendo aprofundados ao longo do século XX, donde o retorno com força da temática do mito.[56] Assim, dialogar com a Antropologia e a Psicanálise, por exemplo, tornaram-se de suma importância para compreensão desse campo fascinante e desafiador.

No entanto, é importante delimitar uma questão fundamental que tem a ver com minha abordagem *histórica* do mito; ou seja, nem uma pesquisa exclusivamente antropológica nem psicológica – mesmo porque não me considero apto totalmente em nenhuma das duas áreas. Dessa forma, trabalho com a idéia de que os *mitos também têm história, não obstante queiram "sair" ou "tirar" o homem de sua dimensão ou condição espaço-temporal.* Em outros termos, minha compreensão do mito é *histórica,* e objetiva, com efeito a duas metas: a) a relacioná-lo a seu contexto, como um elemento cultural integrante de uma dada realidade histórico-social; e b) entendê-lo em suas raízes no inconsciente humano.

---

[55] BARROS, J. D. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 82, 83.
[56] OLIVEIRA, Arilson S. "A (re)volta do mito no esquematismo transcendente da epistemologia vintecentista e seu alcance social". *Revista Horizonte.* Belo Horizonte: PUC-BH, v. 4, n° 8, p.114-130.

Por outro lado, como a matriz do processo "civilizatório" (a evolução histórica das sociedades próximo-orientais) também esteve na base da pesquisa, a como a "questão fundamental em história", implica "a descoberta de um mecanismo tanto para a diferenciação dos vários grupos humanos quanto para a transformação de um grupo em outro, ou para sua não-transformação",[57] para o desenvolvimento do primeiro aspecto, nossos referenciais teóricos de "apreensão do real" advêm da tradição historiográfica *iniciada* em Marx, principalmente por sua forma de analisar as sociedades em geral – ou na ideia de que toda história é também história social - , como

> Sistemas de relações entre seres (e grupos) humanos, das quais as mantidas com a finalidade de produção e reprodução são primordiais para Marx. Isso implica também a análise da estrutura e funcionamento da sociedade... em dois aspectos. Em primeiro lugar, em uma hierarquia de fenômenos sociais (tais como 'base' e 'superestrutura') e, segundo, na existência no interior de toda a sociedade de tensões internas ('contradições') que contrabalançam a tendência do sistema a se manter como um interesse vigente.[58]

Dessa "hierarquia de níveis" em permanente interação (dialética), Marx desenvolveu sua *Concepção Materialista da História.*[59] Tal concepção da história baseia-se na exposição do processo real de produção - começando da produção material da vida em si mesma – e abrangendo a forma de relações associadas com e criadas por esse modelo de produção; isto é, a sociedade em suas várias etapas, enquanto base de toda história; descrevendo-a em sua ação enquanto Estado, e também explicando como todos os diferentes produtos teóricos e formas de consciência, religião, filosofia, moralidade etc.... dela derivam, e acompanhando o processo de sua formação a partir dessa base; dessa forma, a coisa toda pode, é claro, ser descrita em sua totalidade (e consequentemente, também, a ação recíproca desses vários aspectos entre si). [60]

No entanto, essa "via de mão dupla", propondo um relacionamento entre material e ideal, foi um pouco deformada na tradição marxista, onde absurdos foram cometidos contra a religião, por exemplo, tornando-a completamente descartável ou abominável,

---

[57] HOBSBAWM, Eric. "O que os historiadores devem a Karl Marx?" In: *Sobre História.* São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 164.
[58] *Idem*, p. 162.
[59] MCLELLAN, David. "A Concepção Materialista da História". In: HOBSBAWM, Eric. *História do Marxismo I. O Marxismo no tempo de Marx.* Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983, p. 67-89.
[60] HOBSBAWM, Eric. "Marx e a História". In: *Sobre História.* São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 174, 175.

empobrecendo as análises desse importante (e às vezes fundamental) aspecto da vida individual e social; ou seja, ironicamente, deixou de ser dialética.

Apesar de que o inverso também foi favorecido por Weber, sua teoria constitui-se também em importante elemento de correção do modelo marxista, propiciando, também, uma determinada forma de apreensão do real, uma vez que Weber sublinhou a importância das ideias religiosas como motor da história, tendo contribuído, consequentemente, para "flexibilizar" o marxismo no século XX, o que ampliou em muito o leque de opções teóricas ao historiador, que pode dialogar com os vários campos das ciências humanas.

Assim, se as ideias têm uma base material (tese marxista), elas, por sua vez, também influem na produção da vida social em geral (tese weberiana). Em termos weberianos, as concepções religiosas constituem o "quadro de referência da ação social" dos indivíduos e grupos, tanto em nível de significado geral da existência, como em nível das motivações para os fins imediatos do agir. As motivações dos indivíduos devem, de acordo resumo da ideia weberiana feito por Stefano Marteli, confrontar-se com os meios e os recursos presentes num dado contexto histórico-social. Assim, a ideia de Weber seria, que "são os interesses (materiais e ideais) e não as ideias, que dominam imediatamente a atividade do homem".[61]

Segundo o antropólogo Clifford Geertz, haveria dois elementos em diálogo constante: de um lado está a visão de mundo, que remete para a metafísica, a cosmologia e a ontologia, ou, em outras palavras, para "as ideias mais abrangentes sobre ordem". Do outro, está o *ethos*, que evoca os valores, o estilo de vida e as disposições morais e estéticas. O que uma religião faz é operar uma convergência e mesmo uma fusão entre essas duas dimensões, apoiando a validade de uma sobre a autoridade da outra, e vice-versa.

A religião, para Geertz, articula dimensões intelectuais e emocionais; ela remete não para uma relação determinada entre fé e sociedade, mas para "concepções de realidade e para valorações morais culturalmente construídas".[62]

---

[61] MARTELI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 85, 86. Esta "dialética" também foi muito bem desenvolvida por Peter Berger nos processos de *exteriorização*, *objetivação* e *interiorização*. Vide *Referências Bibliográficas*.

[62] Emerson.GIUMBELLI, "Clifford Geertz: A religião e a cultura". In: TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis. Vozes, 2005; V. A. TSU, "A mitologia de um antropólogo. Entrevista de Victor Aiello Tsu com Clifford Geertz". *Revista Rever*. São Paulo: PUC-SP, n° 3, 2001, p. 126-133.

Mas como o homem desenvolveu a ideia de Ordem? Admitindo que elas derivem de sua experiência material (experiência concreta da vida), como isso se deu - ou se dá? Aqui, defrontamo-nos com uma importante questão epistemológica – o problema da investigação da natureza, das fontes e da validade do conhecimento - que, antes de Marx,[63] já havia sido enfrentado por outros pensadores, como Descartes, Locke, Berkeley, Hume, Rousseau e Kant. Kant, por sua vez, tendo como pano de fundo aqueles pensadores, submeteu a razão humana a uma crítica ferrenha, inaugurando, assim, a chamada "filosofia crítica" em sua clássica obra *Crítica da Razão Pura*.

Segundo Will Durant, a principal tese de Kant é a de que A mente do homem não é uma cera passiva na qual a experiência e a sensação escrevem sua vontade absoluta e, no entanto, caprichosa; tampouco se trata de um nome abstrato para a série ou grupo de estados mentais; é um *órgão ativo que molda e coordena sensações transformando-as em ideias*, um órgão que *transforma a caótica multiplicidade da experiência na unidade ordenada* de pensamento.[64]

Além desse papel "ativo", a mente humana trabalha como um "agente de seleção", onde nem todas as "mensagens" do exterior que lhe chegam são aceitas: "As sensações e os pensamentos são serventes; aguardam nosso chamado; não vêm a menos que precisemos deles. Existe um agente de seleção e direção que os utiliza e é senhor deles: além das sensações e das ideias existe a mente."[65]

Esse agente de seleção e coordenação usa, antes de tudo *dois métodos* simples para a classificação do material que lhe é apresentado: o *sentido de espaço e o sentido de tempo*. *Mente*, dessa maneira, é *coordenação da experiência*. E, comparando a mente humana a um bbilbiotecário diante de seus vários livros a serem organizado, lança um questionamento: Será concebível que essa ordenação quase cósmica de "dados" (as experiências vividas no dia-a-dia) devesse ter sido obtida pela *espontaneidade automática* dos próprios dados? Após responder com um não veemente, conclui que "o mundo, então, tem ordem, não por si mesmo, mas porque *o pensamento que conhece o mundo é, ele*

---

[63] Segundo KONDER, Marx assinalou que os filósofos materialistas do passado estavam no bom caminho quando chamavam a atenção da humanidade para a importância das chamadas circunstâncias exteriores e para o papel educador que a vida prática tem para os indivíduos. KONDER, Leandro. *Marx: Vida e Obra.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 61, 62.
[64] DURANT, Will. *História da Filosofia.* p. 256, 257. Grifos meus.
[65] *Ibid*, p. 258.

*mesmo, uma ordem, o primeiro estágio na classificação da experiência*." [66] Desse modo, "dar sentido" é uma atividade primordial da mente humana.[67]

Por seu turno, se o mundo não possui uma ordem "em si mesmo", mas só a que é atribuída pela mente humana, o homem, não obstante, não tem conseguido viver *interiormente* sem essa "ordem". Uma vez concebida, ela se encontra socializada – em alguns casos, dogmatizada – sob várias formas na astrologia, na teologia, na filosofia, e nas grandes mitologias que sustentam a existência humana em variados locais e tempos. Os mitos construídos nesses diversos sistemas de pensamento, portanto, seriam "verdades subjetivas" cujos fins seriam dar segurança, orientação e estabilidade emocional e psíquica ao homem. Dessa forma, mitos são *metáforas: realidades* que o homem usa para encobrir *outras realidades*. Mas qual?

Essas questões foram intrigantes para a psicanálise de Freud e a psicologia profunda, de C. Jung Concordando com esses "mestres" da compreensão humana, diria que a realidade mais profunda que os mitos encobrem é o próprio Homem. Com isso, penetrar nos mitos é mergulhar em nossa identidade: eles são a *linguagem de nosso inconsciente* (individual e coletivo, segundo Carl Jung).[68]

Em interessante estudo sobre a "psicologia do mito", no qual Campbell descreveu e relacionou diversos mitos, crenças e rituais de diversos povos "primitivos" e "civilizados", foi possível demonstrar sua *universalização* e como eles (os mitos) constroem, como que de forma compensatória, um *mundo paralelo à nossa existência física*, desde o ventre materno, passando pelas diversas fases da vida: infância, adolescência, maturidade, velhice e até a morte - o evento crucial a ser vencido (como em Guilgamech, ou mesmo na grande mensagem do Cristo que venceu a morte); e de forma bem poética, concluiu que as imagens do mito

> Jamais podem ser uma representação *direta* do segredo total da espécie humana, mas apenas o propósito de uma atitude, o reflexo de uma posição, uma postura de vida, uma maneira de jogar o jogo. E onde as regras ou formas de tal jogo são abandonadas, a mitologia dissolve-se – e, com a mitologia, a vida".[69]

---

[66] *Ibid*, p. 260. No século XX, baseada nas observações de fenômenos meteorológicos, a psicologia admitiu essa idéia, na *Teoria do Caos*: "a natureza criou o caos; o homem, a ordem". Cf. DVD do filme *Efeito Borboleta* com a *Explicação da Teoria do Caos.* Série Premium, Europa-Filmes, 2004.

[67] Jung absorveu o ensinamento kantiano para construir sua *Psicologia Analítica* dos arquétipos - elementos inconscientes estruturadores e totalizadores da experiência humana. Cf. *Revista viver mente & cérebro. Memória da psicanálise n° 2 – Jung.*

[68] JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo.*

[69] CAMPBELL, *As Máscaras de Deus. Mitologia primitiva*, p. 114. Grifo meu; *O poder do mito*. Bill Moyer (org). São Paulo: Palas Athena, 1990.

É por isso que sempre fascinaram e prenderam o homem, fazendo-lhe sentido, preenchendo-o: sem eles não se vive. *Se o homem o matar, criará mitos substitutivos*. Esse ponto de vista também é sustentado por Bárbara Sproul, outra estudiosa de mitos. Comentando sobre a Criação no primeiro livro bíblico do *Gênesis*, ela diz o seguinte:

> Com efeito, cada uma das alegações do primeiro mito do *Gênesis* já foi atacada em algum ponto. O essencial é compreender que elas não foram desafiadas por *novos fatos*, e sim por *novas atitudes* diante das ocorrências; foram desafiadas por *novos mitos*. Não há como escapar à nossa dependência em relação ao mito. As estruturas fundamentais de entendimento que o mito proporciona, apesar de *em parte ditadas pela matéria e pelo instinto*, são essencialmente arbitrárias, pois descrevem não apenas o mundo 'real' do 'fato', mas também a nossa percepção e experiência desse mundo[70].

Isto é, por eles, na expressão de Eliade, "o homem é o que é". Ou seja, o mito só fala daquilo que *realmente* aconteceu, daquilo que se manifesta plenamente. Os mitos descrevem, portanto, as diversas e frequentemente irrupções do sagrado e *fundam* realmente o Mundo e o faz tal como é hoje: é graças a intervenção de Seres Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.[71]

Finalizando, procuremos uma resposta: qual seria o sentido do *caos* para o homem, e por que ele iria querer *ordená-lo*? Essa resposta também é-nos sugerida por Eliade. Sua explicação é de fundo filosófico-ontológico, sustentando que a essência do homem é que ele é sedento do *ser*: *caos* e a *falta de ordem* seriam fatores que o perturba. Com isso, a ideia de um universo em ordem e integrado em suas esferas celestes e terrenas, constitui-se em fator de autoterapia, auto-ordenamento psíquico e emocinal.

> O homem é sedento do *ser*. O terror diante do 'caos' que envolve seu mundo habitado corresponde ao seu terror diante do *nada*. Espaço desconhecido que se estende para além de seu 'mundo', *espaço não-cosmizado*, porque não consagrado, simples extensão amorfa onde nenhuma *orientatio* foi ainda projetada e, portanto, nenhuma estrutura se esclareceu ainda – este espaço profano representa para o homem religioso o não-ser absoluto. Se, por ventura, o homem se perde no interior dele, sente-se esvaziado de sua substância 'ôntica', como se se dissolvesse no caos, e acaba por extinguir-se... *Toda a decisão de se 'situar' no espaço constitui, de fato, uma decisão religiosa*... a profunda nostalgia do homem religioso é habitar um 'mundo divino', ter casa semelhante à 'casa dos deuses'... tal qual foi representada nos templos e santuários.[72]

---

[70] SPROUL, Bárbara. *Mitos primais.* São Paulo: Siciliano, 1994, p. 10.
[71] ELIADE, *Aspecto do mito*, p. 13.
[72] ELIADE, *Sagrado*..., p. 60, 61.

Atualmente, a questão da "coletividade" passou a ser uma questão pendente de solução em outra "idéia": a democracia. A implementação dessa sonhada sociedade não depende, julgamos, nem dos astros, nem de seres ou forças de "outro mundo", mas da difícil tarefa de o homem encarar sua realidade "desordenada", construindo *ele mesmo* sua história: "o curso da história só pode ser mudado por meios históricos –ação humana".[73]

Entretanto, como o regime democrático tem entre seus pilares a tolerância, o respeito às diferenças e o pluralismo de idéias, cabe-nos compreender que a vida em si mesma *é um grande quebra-cabeça* onde tateamos, tentando continuamente "encaixar" (ordenar) as diversas "peças" (acontecimentos) num grande "quadro" (pretensa existência pré-ordenada). Contudo, diferentemente do quadro em um brinquedo, muitas de nossas peças não se encaixam umas nas outras; e isto, simplesmente, por não termos na verdade, ao fundo, esse "grande quadro". O jeito, portanto, seria ordenarmos as peças da forma que melhor se encaixarem umas nas outras e sermos tolerantes com os que lhe dão outra organização.

Dessa maneira, defendo, nesta monografia, que *não há uma maneira única de encaixar as peças, embora possa haver algumas que sejam melhores que outras.* Seria possível, então, vencermos o radicalismo, o fundamentalismo e a intolerância "em nome de deus", permitindo-se que cada um escolha como "ordenar" seu mundo?

---

[73] RAPHAEL, M. *Proudhon, Marx, Picasso: essays in Marxism aesthetics.* Apud HARVEY, *Condição Pós-moderna.* São Paulo: Loyola, 2002, p. 41.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim dessa pesquisa, é claro que existe uma conscientização de algo que lhe falta; de que poderia ser feito mais; que as ideias poderiam ser mais bem desenvolvidas; de que as leituras poderiam ser aprofundadas e a escrita do texto aperfeiçoada – tudo isto me está claro como água cristalina. Nesse ponto, é perceptível que executar uma pesquisa é algo extremamente complexo, extenuante e ao mesmo tempo desafiador, principalmente tratando-se de uma pesquisa de pós-graduação, com suas múltiplas exigências. A frustração é pior, quando se tem consciência de que fiz muitas leituras, que não foram possíveis de resumir e colocar no texto. Também adquiri livros nos últimos meses, os quais também não pude lê-los, de modo que os utilizasse na pesquisa, já que foram comprados, ou tomados de empréstimo, justamente com essa finalidade.

No entanto, a pesquisa necessita ser concluída. Assim, tive que encarar o desafio. Propus-me, desde o começo da Introdução, a realizar uma pesquisa em um período da História pouco pesquisado no Brasil; só isso já se torna complicado quando se necessita de boas fontes para se adentrar no período. Por outro lado, pretendi dialogar com outras áreas, como a Antropologia e as ciências do Inconsciente (Psicanálise e Psicologia Analítica). Fiz algumas leituras de Freud e Jung. Precisava ter me aprofundado mais, mas, admito, não consegui e sei que esta parte da pesquisa deixa um pouco a desejar, uma vez que pó tema do mito foi muito explorado por esses campos do conhecimento.

Não obstante, acredito que consegui “dar o meu recado”. A mim, ao menos, me parece clara a hipótese fundamental que propus - que a ideia de um universo em ordem e integrado em suas esferas celeste e terrena, foi uma ideia construída pelo homem ao longo de muitos séculos ou milênios e que essa ideia é fundamental para sua reestruturação interior, além de ser um importante fator na tessitura social. Dessa forma, acreditar nessa “ideia” (ou mito) não é nenhum problema.

A nosso ver, a questão fundamental está em que, uma vez que é uma ideia construída pelo homem, alguns a queiram transformar em uma ideia vinda de “outro mundo” e usa-la de forma exclusiva e intolerante, a fim de excluir “outras formas de organização” ou reestruturação do universo, propostas por outras ideologias ou sistemas de pensamento.

Exemplificando. Apesar de o cristianismo ou o hinduísmo compartilharem dessa ideia de *ordem no universo*, não se pode afirmar, com absoluta certeza que uma seja melhor que a outra As duas foram formadas da mesma "raiz" pré-histórica.

Com isso, foi o tempo de uso das ideias é que fez com que elas se diferenciassem uma da outra. No começo, as duas tradições compartilhavam, por exemplo, da noção de tempo cíclico e, no futuro, a tradição próximo-oriental se decidiu ou descobriu a noção de tempo linear, o que foi razão de abandono da noção anterior e início de uma nova forma de se situar no cosmos.

Portanto, e não querendo trazer nenhuma novidade a essa altura da pesquisa, devemos admitir que *essas noções são apenas diferentes, não cabendo nenhuma hierarquia* quanto a "melhor" ou "pior". Desta feita, advogamos o direito a que cada pessoa, decida sobre como é melhor organizar-se, dando o mesmo direito às outras. Ou seja, a pesquisa propõe a liberdade d consciência e crença, entendendo-a como um importante fator de estabilidade emocional e psíquica.

Desse modo, procuramos fornecer um entendimento da religiosidade sobre novas bases, com a expectativa de intervir, oferecendo uma possível e modesta resposta a essas questões. Essa é uma necessidade premente em nossos dias, como prevê o Ministério da Educação às novas gerações de professores do atual sistema educacional brasileiro, que compartilho e procuro me pautar no dia-a-dia.

> A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade e que se distinga as particularidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda que o reconhecimento das diferenças não fundamente relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade. Todavia, esse não é um exercício fácil. Ao contrário, requer o esforço e o desejo de reconhecer o papel que é exercido pelas mediações construídas por experiências sociais e culturais na organização de valores, que sugerem, mas não impõem o que é bom, mau, belo, feio, superior, inferior, igual, perfeito ou imperfeito, puro ou impuro; que orientam, mas não restringem as ações de aproximação, distanciamento, isolamento, assimilação, rejeição, submissão ou indiferença; e que possibilitam o conhecimento ou o desconhecimento da presença ou da existência da diversidade individual, de grupo, de classe ou de culturas.[74]

Procuremos materializar essa sociedade!

---

[74] *Parâmetros Curriculares Nacionais - 5ª a 8ª Série/História*, p. 35.

# BIBLIOGRAFIA


ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus. Quatro milênios em busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.* São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BACHA, Lourdes. *Escritos do Antigo Egito.* Rio de Janeiro: Artium, 1997.

BARROS, José. D. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D. *O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.* Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado.* São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BURITY, Joanildo. "Novos paradigmas e estudo da religião: uma reflexão anti-essencialista". In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 21, n° 1, 2001.

CAMPBELL, Joseph. *A imagem mítica*. Campinas, SP: Papirus, 1994b.

------. *As máscaras de Deus. Mitologia Oriental.* São Paulo: Palas Athena, 1994a

------. *As máscaras de Deus. Mitologia Primitiva.* São Paulo: Palas Athena, 1992.

------. *O poder do mito*. Bill Moyer (org). São Paulo: Palas Athena, 1990b

------. *As transformações do mito através dos tempos.* São Paulo: Cultrix, 1990a.

CARDOSO, Ciro F. S. *Deuses, Múmias e Zigurates: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção *História*).

------. *Sete olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Unb, 1998

------. *Antiguidade Oriental. Política e religião*. São Paulo: Contexto, 1997.

------. *Sociedade do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986.

CORDEIRO, Maurício (Tradução). *As religiões do mundo.* São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1196.

COSTA PINTO, Manuel (Ed.). V*iver mente&cérebro. Memória da psicanálise n° 2 – Jung.* São Paulo: Duetto, s/d.

DUPRAT, M. Cecília de M. (Tradução). *A Criação e o Dilúvio: segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. Revisão: Paulo Bazaglia & H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1990.

DURANT, Will. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural. 2000. (Coleção *Os Pensadores*).

------. *Nossa herança Oriental I.* Rio de Janeiro: Record. s/d. [Original: 1935]

ELIADE, Mircea. *Sagrado e profano. A essência das religiões.* São Paulo: Martins Fontes. 2001.

------. *O conhecimento sagrado de todas as eras*. São Paulo: Mercuryo. 1995

-------. *Aspectos do mito*. Lisboa: Ed. 70, s/d.

FRAZER, James G. *O Ramo de Ouro.* Rio Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A, 1982.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu.* Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GOTTWALD, Norman. *As tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C.* São Paulo: Paulinas, 1986.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna.* São Paulo: Loyola, 2002.

HERMAN, Jaqueline. “História das Religiões e Religiosidades”. In: *Domínios da História.* CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.

HINNELLS, John. “A batalha cósmica: zoroastrismo.” In: *As religiões do mundo.* Tradução de Maurício Cordeiro. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1996, p. 81-89.

HOBSBAWM, Eric J. *História do Marxismo I. O Marxismo no tempo de Marx.* Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

------. *Sobre História.* São Paulo: Cia das Letras. 1998.

------. *A invenção das tradições.* (com T. Ranger). Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

KANT, Imamnuel. *Crítica da Razão Pura.* São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção *Os Pensadores*).

GLASSNER, Jean-Jacques. “A Mesopotâmia até as invasões aramaicas do II milênio”. In:

LÉVÊQUE, Pierre. *As primeiras civilizações.* Vol. II. Lisboa: Ed. 70, 1990, p. 9-137.

KONDER, Leandro. *Marx: Vida e Obra.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JUNG, Carl. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo.* Petrópolis: Vozes, 2000

LIMA, Paulo Roberto (Tradução e Introdução). *A Epopéia de Guilgamesh: A busca da imortalidade.* São Paulo: Hemus. 1995.

MANOEL & FREITAS (orgs). MANOEL & FREITAS (orgs). *História das Religiões. Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos.* – 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 - (Coleção estudos da ABHR)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais - 5ª a 8ª Série/História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros curriculares Nacionais Ensino Médio.* Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 1999.

MARTELI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MCLELLAN, David. “A Concepção Materialista da História”. In: HOBSBAWM, Eric. *História do Marxismo I. O Marxismo no tempo de Marx.* Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983, p. 67-89.

OLIVEIRA, Arilson S. “A (re)volta do mito no esquematismo transcendente da epistemologia vintecentista e seu alcance social”. *Horizonte.* PUC-BH, Belo Horizonte, v. 4, n° 8, p.114-130.

PORTELLA, Rodrigo. Em Busca do Dossel Sagrado. *Revista Horizonte,* Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 77-96, jun. 2006

RIBEIRO, Ana Maria C. *O conhecimento da astrologia: manual completo.* Rio de Janeiro: Novo Milênio, 1996.

SPROUL, Bárbara C. *Mitos primais.* São Paulo: Siciliano, 1994.

TRACTEMBERG, Moisés. *Psicanálise da circuncisão*. Porto Alegre: Sagra, 1990.

WELBURN, Andrew. *As origens do cristianismo. As fronteiras entre os antigos mistérios pagãos e a crença cristã.* São Paulo: Best-Seller, 1991.